

A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra



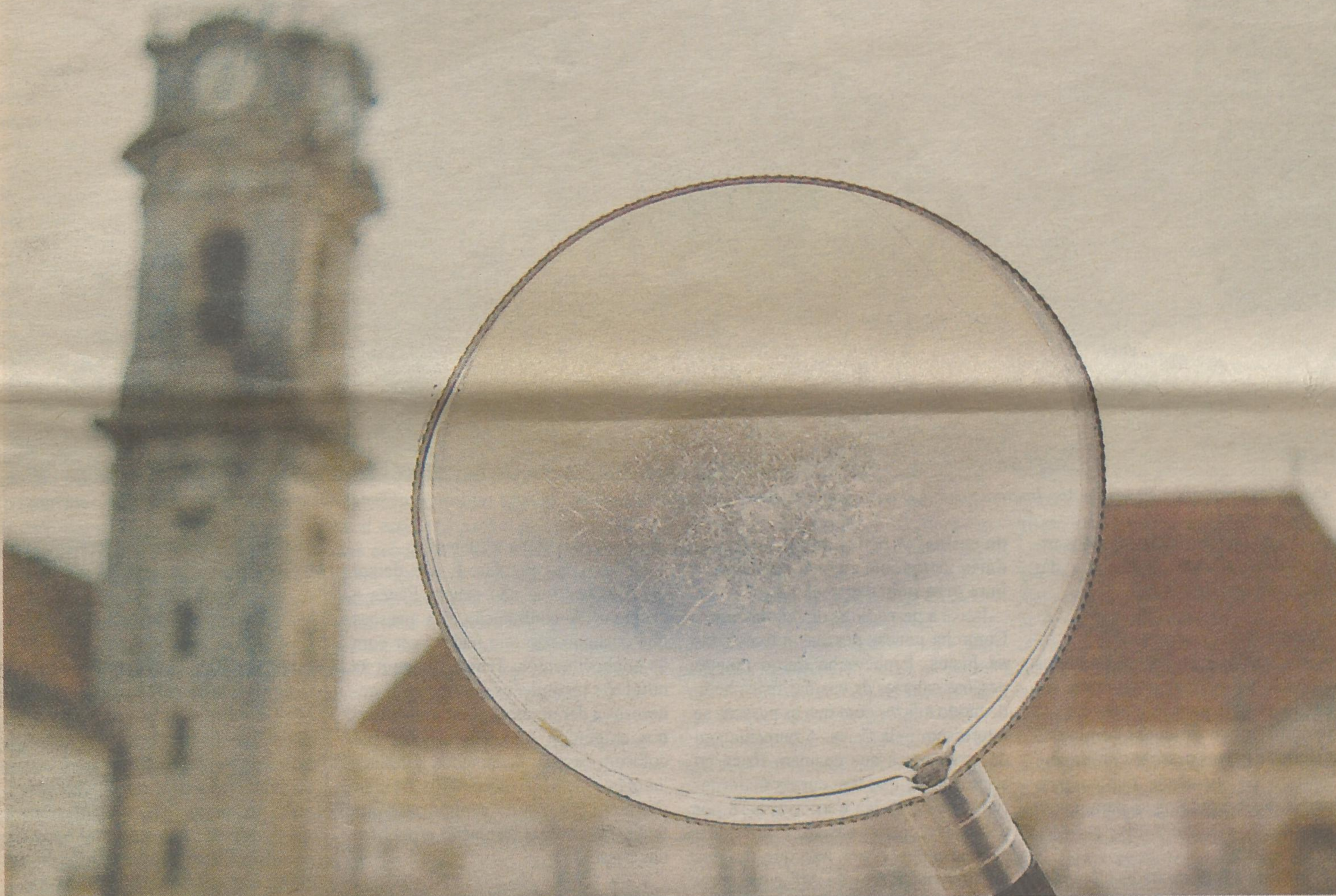
TERÇA-FEIRA
5 DE ABRIL DE 2005
GRATUITO
ANO XIV
EDIÇÃO Nº130

ESTUDANTES TRAZEM A PÚBLICO PROBLEMAS DA UNIVERSIDADE

Campanha “UC à lupa” começou ontem e percorre todas as faculdades durante os próximos dias. Reuniões Gerais de Alunos, distribuição de panfletos e acções simbólicas são algumas das medidas em agenda.

Iniciativa termina com o debate “Que Univer(sc)idade?” PÁG. 5

SIMÃO RIBAU



Entrevista

“A Física é uma ciência internacional”

Em 1905, Einstein publicou artigos que abalaram a comunidade científica e revolucionaram a forma de encarar o Universo. Surgiu a mais famosa fórmula de sempre, $E=mc^2$, e a teoria da relatividade. Cem anos depois, celebra-se o Ano Internacional da Física, por resolução da ONU. Em Portugal, José Dias Urbano, presidente da Sociedade Portuguesa de Física e professor no departamento de Física da Universidade de Coimbra, foi nomeado pelo Governo para coordenar as comemorações do evento. Em discurso directo, o físico fala da importância desta ciência para ajudar a resolver alguns dos problemas da Humanidade, como a saúde, o ambiente e a escassez de recursos energéticos. José Dias Urbano mostra-se crítico em relação à forma como a Física é ensinada nas escolas e admite que são poucos os interessados nesta “ciência de base”. Os objectivos do AIF passam, por isso, por melhorar o sistema de ensino e por aumentar o apreço público por uma ciência que, faz questão de sublinhar, não pretende responder às questões da religião.

PÁGS. 2 E 3

Académica/OAF

Briosa segue no bom caminho

A vitória por 1-0 sobre o Estoril permitiu à equipa de Nelo Vingada alcançar a sétima partida consecutiva sem perder. O resultado proporcionou a subida ao 14º posto da Superliga, continuando assim a fuga à despromoção. PÁG. 13

Reportagem

CARRIS SOBRE A HISTÓRIA

As demolições para o eléctrico rápido de superfície começaram e vão tornar a Baixa de Coimbra irreconhecível. Para trás vai ficar cerca de um século de histórias perdidas,

muitas delas ligadas às mais antigas casas de comércio da cidade. A CABRA foi ouvir aqueles que para além do seu negócio vão perder parte da sua vida. PÁGS. 10 E 11



RUI VELINDRO

Coimbra nos “Caminhos do Cinema”

Entre o visionamento de filmes consagrados e a exibição de películas que se estreiam, a edição deste ano dos “Caminhos do Cinema Português” pretende ser um culto ao audiovisual e aposta num projecto híbrido, com workshops, feiras do livro e actividades com jovens.

PÁG. 15

SUMÁRIO

| | | | |
|-----------------|---|--------------|----|
| Destaque | 2 | Tema | 10 |
| Opinião | 4 | Ciência | 12 |
| Ensino Superior | 5 | Desporto | 13 |
| Cidade | 7 | Cultura | 15 |
| Nacional | 8 | Estórias | 17 |
| Internacional | 9 | Artes Feitas | 18 |

1º Workshop
para futuros

Escritores de Viagens

29 de Abril de 2005



Telefone: 917252257 - Secção de Jornalismo AAC
inscrições limitadas

“As novas gerações excluem-se do estudo da Física”

Comissário para o Ano Internacional da Física aponta falhas ao sistema de ensino

Em 1905 Einstein publicou cinco artigos revolucionários, onde surgiam a teoria da relatividade restrita e a famosa fórmula $E=mc^2$.

Um século depois daquele que ficou conhecido como o “Annus Mirabilis”, celebra-se, por resolução da ONU, o Ano Internacional da Física (AIF)

João Pereira

José Dias Urbano, professor na Universidade de Coimbra e presidente da Sociedade Portuguesa de Física, foi apontado pelo anterior Governo para coordenar o AIF em Portugal. Um dos principais objectivos da iniciativa é ganhar o apreço do público por uma ciência que tem poucos interessados e que é um “bicho de sete cabeças” para muitos estudantes. O comissário afirma que a Física pode ajudar a resolver os grandes problemas da Humanidade e sublinha ser preciso mudar a forma como é ensinada.



RUI VELINDRO

O comissário português para o Ano Internacional da Física sublinha que esta ciência é fundamental para resolver problemas nas áreas da saúde, ambiente e energia

Porquê um Ano Internacional da Física?

Há uma razão muito forte. Não é fácil pegar numa disciplina científica e fazer isto. A Matemática não o conseguiu em 2000. Porquê? Porque de facto a física é cada vez mais importante para resolver os três grandes problemas com que a Humanidade hoje se defronta: o da energia, o da saúde e o do ambiente. Como que é que a Física pode contribuir para resolver esses problemas? A questão da energia tem que passar pela Física. Estou convencido de que o futuro é tirar energia ao Sol ou “fazer sol na Terra”, através da fusão nuclear. A questão da protecção ambiental é uma questão de leis da natureza e isso são fenómenos físicos. No campo da saúde – que é aquele que as pessoas menos percebem – não se trata apenas da parte indirecta, a parte dos equipamentos de diagnóstico, capazes, por exemplo, de gerar imagens do corpo a três dimensões sem o invadir. Todas as aproximações biológicas aos problemas de saúde mais graves falharam: não se consegue erradicar a malária ou a sida. Há esperança de que os físicos, com a sua ciência quântica, possam aliar-se aos biólogos para arranjar soluções para esses problemas.

Um dos objectivos do AIF é aproximar a Física do resto da sociedade. Ainda há a imagem do físico envolto em teorias incompreensíveis?

Há um bocado essa imagem, mas o problema é mais grave do que esse. O

problema é que as novas gerações excluem-se do estudo da Física e das ciências em geral.

Porque é que isso acontece?

Julgo que se trata de um problema civilizacional. Nós estamos numa sociedade virada para o consumo. O grande objectivo de quem domina os mercados é que as pessoas consumam. Este tipo de sociedade é bom para quem faz os produtos e para quem consome.

E em que é isso afecta as ciências?

São afectadas porque as pessoas procuram encontrar meios e profissões que lhes dêem acesso ao consumo, mas que sejam o menos exigentes

possíveis no que diz respeito a esforços intelectuais. Temos que nos aperceber de que estamos numa idade em que houve um triunfo completo da televisão sobre os outros meios

de comunicação. O que acontece é que as pessoas gostam de ter um problema que não existe, inventado num quarto de hora, que seja resolvido em vinte minutos e que tenha consequências nos dez minutos seguintes. E no meio de tudo isto, uns anúncios. É isto que está a dominar a nossa mentalidade.

“As pessoas têm que aprender factos científicos”

A auto-exclusão não pode ser provocada por problemas ao nível

do ensino? A Física, tanto no secundário como no ensino superior, é uma área pouco apreciada...

Isso é a pescadinha de rabo na boca. Como há poucas pessoas interessadas na Física, também há muito poucas pessoas capazes de ensinar física bem, de modo a fazer com que as pessoas se interessem pela física. A percentagem de professores que ensinam física no secundário e que têm cursos maioritariamente de Física é inferior a 18 por cento. No ensino básico, é inferior a 11 por cento. É por isso que um dos maiores objectivos do AIF é melhorar o ensino – tanto aqui como em todo o Mundo.

Como é que isso será feito?

É difícil. Para já, é necessário uma alteração da concepção de escola. A Academia das Ciências da Noruega criou o Prémio Abel para galardoar um matemático ilustre. Este ano ganhou [Peter D. J.] Lax. A esse grande matemático perguntaram-lhe: “Acha que a Matemática nos EUA está a ser correctamente ensinada?”. E ele respondeu: “Acho que não – as escolas deviam ensinar mais matemática e menos métodos de aprender matemática”. O nosso sistema de formação de professores está mais virado para ensinar a aprender do que para ensinar. As pessoas têm que aprender factos científicos. Não têm que andar a pensar em como aprender. Não se ensina uma criança a caminhar dizendo “Vais aprender a caminhar desta forma” em vez de a deixar caminhar, cair e tornar a levantar-se.

O que pode ser feito para atrair

mais pessoas para a Física?

Começa nas escolas. É não deixar que pessoas que não sabem Física a ensinam. A contratação das pessoas que ensinam não tem nada a ver com os conhecimentos. Tem a ver com as notas. As instituições que são mais generosas a dar notas são também as menos exigentes, mas são aquelas que colocam os seus licenciados a dar aulas nas escolas. É necessário arranjar um novo sistema de contratação, que tenha em conta a formação específica das pessoas.

“A Física é uma ciência internacional”

Muitos investigadores acabam por fazer parte do seu percurso no estrangeiro. Portugal não oferece condições ao nível da investigação?

Não há assim tantos no estrangeiro. A Física é uma ciência internacional. Há portugueses a trabalhar no Estados Unidos... Devia era haver americanos a trabalhar cá. Isso é que falta...

Por que é que não temos americanos em Portugal?

Talvez Portugal não seja muito atractivo. O nosso nível de vida é muito fraco. É aqui que o nosso sistema de ensino falha. Nós não sabemos criar sequer a riqueza que consumimos. Hoje, em sociedades em que todos os sistemas produtivos têm uma base científica, as pessoas têm que ter uma boa formação. Nós produzimos como marroquinos e queremos consumir como alemães. Isto não dá.

E não dá porque Portugal não in-

José Dias Urbano

Professor catedrático de Física da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, tirou um doutoramento em Coimbra e outro na Universidade de Oxford, onde passou três anos e meio. Eram para ser só dois, mas acabou por conseguir prolongar a estadia num meio académico que lhe “abriu os horizontes”. Contudo, não tenciona regressar à cidade inglesa, apesar dos convites: “Não se volta aos sítios onde se foi feliz”.

Foi nomeado comissário nacional para as comemorações do Ano Internacional da Física 2005 por despacho conjunto de três ministérios: Negócios Estrangeiros, Educação e Ciência, Inovação e Ensino Superior. Sentiu-se relutante em aceitar o cargo e fê-lo “enquanto presidente da Sociedade Portuguesa de Física”, depois de ter assegurado que trabalharia no departamento de Física da Universidade de Coimbra e não num gabinete em Lisboa.

José Dias Urbano foi presidente do Conselho Directivo da faculdade de Ciências e Tecnologia e o primeiro presidente do Instituto Pedro Nunes. É autor e co-autor de trabalhos de investigação científica nas áreas de Física Nuclear, Teoria Quântica de Sistema de Muitos Corpos e Física dos Hadrões.

centiva a investigação, nomeadamente com bolsas?

Se se arranjassem mais bolsas, mais subsídios para a investigação, o que é que as pessoas iam fazer? Chega uma altura em que têm que ser a indústria e os serviços a empregar físicos. É isso que falta no nosso País. O maior centro de investigação da Siemens emprega 25 por cento de engenheiros electrotécnicos, 25 por cento de engenheiros informáticos e 25 por cento de físicos. O resto é pessoal de gestão.

Há então lugar para o físico numa indústria que procura muitas vezes o engenheiro e o gestor?

Ontem apareceu num telejornal o presidente do conselho de administração da Renova a apresentar um papel higiénico todo preto. Esse senhor é físico. E todo o seu grupo de investigação é constituído por físicos. Os físicos não se ficam pela investigação e teoria. A maior parte dos físicos têm emprego na indústria, na banca. Há físicos a trabalhar nas bolsas, porque os físicos sabem trabalhar em situações caóticas, em situações muito complexas, em situações em que é necessário fazer previsões.

O AIF pretende aumentar a cooperação com os países de língua portuguesa. O que vai ser feito neste sentido?

Neste momento não posso dizer nada, porque o Governo mudou. Tudo o que tínhamos programado com o anterior Ministério dos Negócios Estrangeiros terá que ser combinado novamente. Em muitos países lusófonos não há cursos de Física. Mas gostaríamos de ter estudantes desses países no Encontro Nacional de Estudantes de Física, que decorre em Coimbra, no mês de Agosto. É um evento muito importante, ao nível mundial, da celebração do AIF. Gostaríamos também que estudantes dos países lusófonos fossem à conferência sobre Física e desenvolvimento sustentável que vai realizar-se em Novembro, na África do Sul.

A Espanha, por exemplo, tem neste campo uma política muito forte em relação aos países que falam espanhol. Dá facilidades aos estudantes desses países para irem para Espanha. Nós aqui temos uma política muito passiva. Damos umas bolsas, mas depois não acompanhamos bem o que acontece. Gostava que Coimbra estivesse muito mais cheia de estudantes estrangeiros nas áreas científicas.

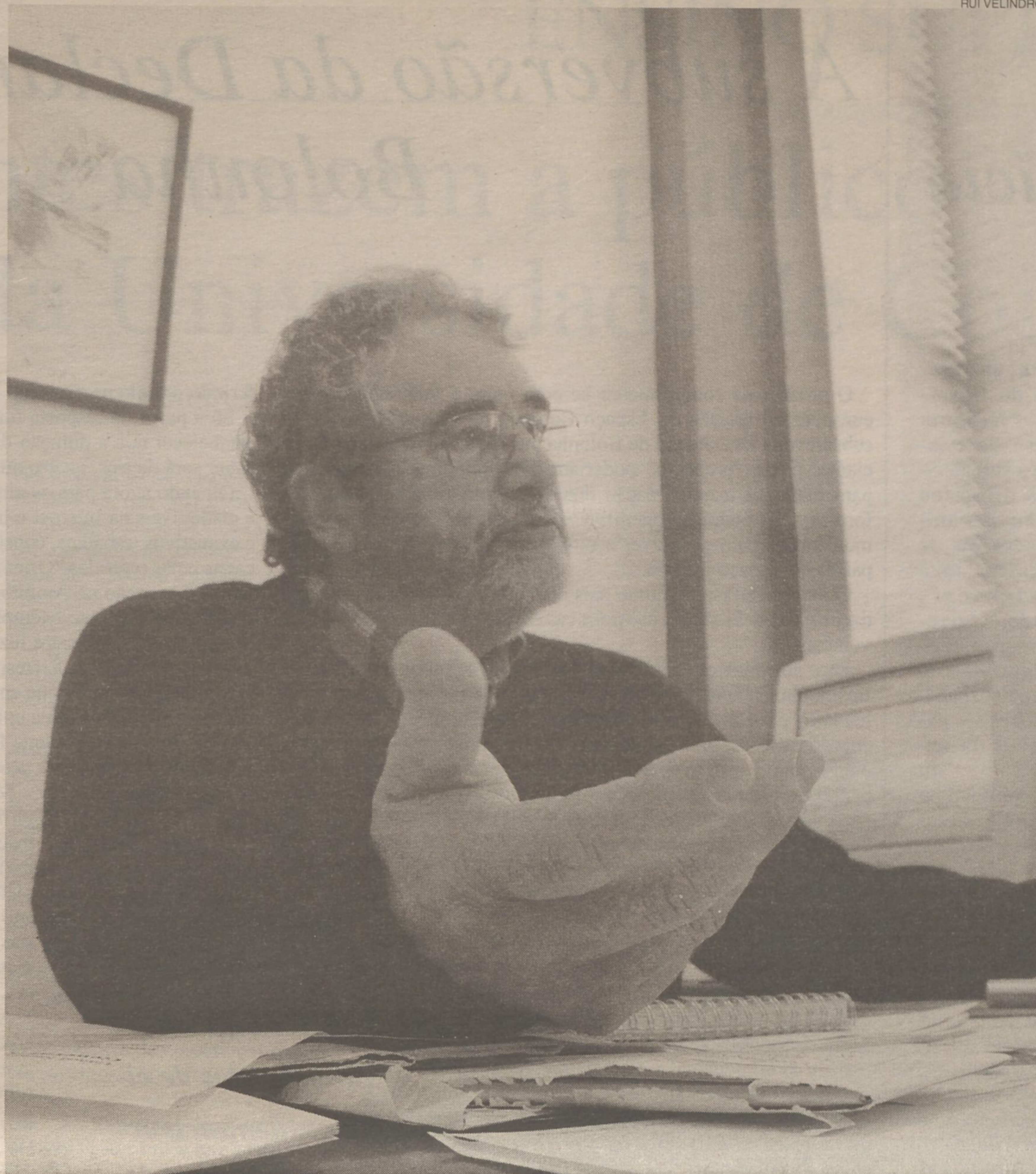
Há alguma iniciativa do AIF em Portugal que esteja parada por causa da mudança de Governo?

O AIF é apoiado pela Assembleia da República, não pelo Governo. Há projectos que não foram submetidos ainda a aprovação, que ficaram parados, mas que espero que agora sejam aprovados.

A física não responde a questões religiosas

Há físicos que elaboram teorias que entram em confronto com crenças da maioria das pessoas, nomeadamente crenças religiosas. Não poderá a Física encontrar aqui uma forma de interessar ao resto da sociedade?

Isso é um dos grandes objectivos do AIF: aumentar o apreço público pela física. As pessoas têm que compreen-



José Dias Urbano gostava que Coimbra tivesse mais estudantes estrangeiros na área das ciências exactas

der que sem a física não tinham telemóveis, não tinham ressonâncias magnéticas, não tinham televisão... A física é essencial para a sustentabilidade das economias. Por outro lado, sob o ponto de vista filosófico, é bom as pessoas saberem em que mundo andam. Mas a Física é uma aproximação contra-intuitiva ao mundo. Essa é a

grande dificuldade. Foi preciso o Newton olhar para os astros para perceber que a força produzia aceleração. Durante os milhares de anos anteriores, toda a gente supunha que a força produzia velocidade.

de. Era o que se via. Foi preciso um grande esforço intelectual para chegar àquela conclusão. Por isso é que a Física tem que ser ensinada. Não é possível (como pretendem os nossos pedagogos) que uma turma, em diálogo com o professor, chegue às leis da Física. São leis contra-intuitivas.

O AIF celebra-se depois de Einstein ter publicado alguns artigos revolucionários, que vieram superar Newton...

Isso é um erro comum. As teorias de Newton são tão boas hoje como quando ele as criou. É isso que distingue os conhecimentos científicos de outras formas de conhecimento. O conhecimento científico experimental nunca é deitado fora. Uma vez validado experimentalmente, continua válido. Mas é válido no regime em que foi validado. Há outros regimes em que essas leis deixam de ser válidas. Mas são englobadas numa teoria mais geral, que as contém num determinado limite. Uma das grandes contribuições de Einstein

foi mostrar que há uma velocidade limite para todos os objectos. Se eu quiser acelerar seja o que for, posso dar-lhe mais energia até uma altura em que é impossível acelerar mais, porque o objecto vai ganhando massa e fica cada vez mais inerte. Mas enquanto isso não acontece, num regime em que as velocidades dos objectos são pequenas comparadas com o limite superior da velocidade da luz no vácuo, as teorias de Newton são válidas. Uma pessoa que vai analisar um choque entre automóveis não vai aplicar a teoria da relatividade de Einstein. Vai aplicar as leis de Newton. Não há o modelo dos paradigmas, como lhes chamam os sociólogos, porque há uma validação experimental.

Acha que a Física está num ponto oposto ao da religião?

A Física não tem nada a ver com a religião. A Física é uma ciência da liberdade e uma ciência libertadora. Só foi possível fazer física quando o homem se libertou de certas peias (religiosas, filosóficas...), quando o indivíduo conseguiu começar a pensar pela sua própria cabeça. A Física é o triunfo do livre pensamento, da racio-

nalidade. Qualquer pessoa pode fazer Física, desde que estude. Qual foi o grande choque entre a religião (que na altura era o poder político) e Galileu? Galileu era um homem perigoso, porque pensava pela sua cabeça. Ele até disse uma coisa terrível: a natureza só se deixa entender pela linguagem matemática. Ora, a Bíblia não tem nenhuma fórmula matemática. Então para se entender a natureza era então preciso ignorar o que estava na Bíblia? Esse é que foi o problema na altura. Não foi a questão da Terra mover-se ou não. Não se move aquilo que está ligado a mim. No meu sistema de referência, vejo o Sol mexer-se. Em Física há sistemas de referência para se fazerem as observações. O que acontece é que se o meu sistema de referência estiver ligado ao Sol, as minhas equações ficam mais simples. A Terra é um mau sistema de referência. A Física não responde a questões religiosas. Não é esse o seu objectivo.

Mas a Física pode dizer que o Universo começou de uma determinada forma e não de outra...

Isso são conjecturas. A conjectura do princípio do Universo não está ao

Frases

“ Há esperança de que os físicos, com a sua ciência quântica, possam aliar-se aos biólogos para arranjam soluções

As pessoas procuram encontrar meios e profissões que lhes dêem acesso ao consumo, mas que sejam o menos exigentes possíveis no que diz respeito a esforços intelectuais

As pessoas gostam de ter um problema que não existe, inventado num quarto de hora, que seja resolvido em vinte minutos e que tenha consequências nos 10 minutos seguintes

O nosso sistema de formação de professores está mais virado para ensinar a aprender do que para ensinar

Hoje, em sociedades em que todos os sistemas produtivos têm uma base científica, as pessoas têm que ter uma boa formação

Damos umas bolsas, mas depois não acompanhamos bem o que acontece

A física não tem nada a ver com a religião. A física é uma ciência da liberdade e uma ciência libertadora

Com os homens e as mulheres a partilharem as tarefas do lar, áreas como a física e a medicina (que já foi dominada por homens) vão passar a ter mais mulheres ”

mesmo nível das teorias que posso testar. Não é possível ir ao princípio do universo e fazer testes. As teorias que temos permitem perceber uma grande quantidade de factos, admitindo que houve um Big Bang. Mas isso é uma conjectura. Na Física há leis que são comprovadas experimentalmente e outras, que são inferências das primeiras. Aplicam-se teorias que já foram validadas em determinados regimes a outros regimes. Quando se fez isso para o átomo, teve que se inventar uma nova Física. Isto não quer dizer que as conjecturas são disparatadas. Há algumas certezas e há observações feitas por pessoas diferentes que são explicadas da mesma maneira. E é isso que é essencial na ciência: ser observada por pessoas diferentes. Não há uma pessoa iluminada, como na religião: Cristo, Maomé... A Física é muito mais simples, porque qualquer pessoa pode verificar uma teoria.

Uma ideia tradicionalmente ligada à Física é a de que esta é uma área de domínio masculino. No Departamento de Física da Universidade de Coimbra, apenas um terço dos professores são mulheres...

Aqui [no departamento de Física] isso está a mudar. Basta deixar passar mais alguns anos. Mas há países onde ainda é uma área de domínio masculino. E isto porque é uma área exigente. As pessoas têm que começar a aprender muito cedo, têm que ter disponibilidade total. E a sociedade organizou-se de tal forma que a disponibilidade total é só para os homens. As mulheres têm que tomar conta dos filhos... Mas isso está a melhorar. Com o homens e as mulheres a partilharem as tarefas do lar, áreas como a Física e a Medicina (que já foi dominada por homens) vão passar a ter mais mulheres.

A linguagem da natureza

José Dias Urbano admite que são cada vez menos aqueles que estão “interessados em queimar as pestanas” a estudar física: “A física não é simples. Exige esforço”, reconhece. Para além dos problemas que se colocam ao nível do ensino, este desinteresse passa também pelo facto de ser necessário aprender primeiro “uma linguagem nova”, a matemática: “As pessoas não gostam, mas não há outra hipótese: a matemática é a linguagem da natureza. Não sabemos porquê, mas é assim”. O físico explica que “durante todos os milhares de anos em que os humanos e pré-humanos tentaram compreender a natureza, não o conseguiram, porque usavam a linguagem do dia-a-dia”. A necessidade da matemática para a compreensão da natureza foi “a grande descoberta de Galileu”.

EDITORIAL

Para benefício público

"Torna-se necessário abrir o feudo da Medicina às instituições privadas"

Lê-se no Programa do Governo: "Nenhum processo de criação de estabelecimentos de ensino superior, de universidades ou de politécnicos será considerado". Contudo, salvaguarda-se a possibilidade de "eventuais transformações excepcionais da natureza ou dimensão das instituições já existentes" – o que torna a orientação flexível o suficiente para deixar à tutela o necessário espaço de manobra para lidar com alguns dos dossiers mais complicados que Mariano Gago terá nas mãos durante os quatro anos de legislatura.

À cabeça surgem – ao lado da omnipresente e polémica implementação das directivas do processo de Bolonha – os cursos de Medicina. A questão das propinas não está ao nível destes "pesos-pesados", uma vez que os socialistas, ainda em fase de campanha, tinham já sido claros quanto às suas intenções neste campo, que ficam agora explícitas no Programa do Governo: "Não aumentar, a preços constantes, o valor das propinas de frequência do primeiro ciclo"; o que significa, deixar tudo mais ou menos como está.

A anterior ministra tinha considerado prioritária, entre outras, a área da saúde. Durante o tempo em que deteve a pasta do Ensino Superior, lançaram-se os cursos preparatórios de Medicina nos Açores e na Madeira. Embora meritória, a medida é manifestamente insuficiente. Portugal tem falta de médicos ao ponto de se ver obrigado a importá-los. Há um ano, na postura de quem está contente por ter olho em terra de cegos, o bastonário da ordem dos médicos, Germano de Sousa, defendia que o País já excedia o número dos cursos de Medicina aconselhados internacionalmente. Na mesma altura, e na mesma linha corporativista, a Associação Nacional de Estudantes de Medicina criticava o anúncio de Maria da Graça Carvalho relativo à abertura de mais vagas em Medicina, alegando que as deficiências do sistema de saúde se deviam à má distribuição dos profissionais e a lacunas informáticas. Por seu lado, o coordenador do Grupo de Missão para a Saúde, Alberto Amaral, dizia que o problema podia ser resolvido com a reconversão de diplomados em Medicina Dentária em médicos. E, entretanto, continuamos a precisar dos médicos espanhóis.

É necessário resolver o deficit de médicos e isso só vai ser conseguido com a abertura de novos cursos. A faculdade de Medicina na Universidade do Algarve é, cada vez mais, um passo obrigatório. Mas, como não é razoável pensar que as universidades públicas vão conseguir formar um número suficiente de profissionais em tempo útil, torna-se necessário abrir o feudo da Medicina às instituições privadas. Antes das eleições, os socialistas, pela voz de Augusto Santos Silva, diziam não ter nenhuma objecção de princípio nesta matéria. Esperemos que continuem a não ter. João Pereira

Cartas ao director podem ser enviadas para direccao@acabra.net

A subversão da Declaração de Bolonha

Nuno Ferreira Rilo *

O nosso país comprometeu-se com vinte e seis outros países europeus na criação do Espaço Europeu de Ensino Superior ao subscrever a Declaração de Bolonha em 1999. As mudanças associadas a este "processo" poderiam constituir uma oportunidade para melhorar a qualificação dos nossos diplomados, estimular formas de cooperação científica e profissional e proceder a harmonizações para promover a mobilidade dentro do país e entre países do Espaço Europeu.

O relativo atraso do nosso país na concretização deste processo decorre das debilidades das políticas educativas de sucessivos Governos.

Face aos atrasos acumulados, em Junho, a anterior ministra do Ensino da Ciência, Inovação e Ensino Superior anunciou um calendário para as diversas fases até 2010 e nomeou vinte e três coordenadores, correspondentes a outras tantas áreas de conhecimento, com a missão de definirem as competências genéricas e específicas de cada formação, os perfis profissionais e os modelos de formação mais adequados para as respectivas áreas.

Porém, no final de Setembro, a ministra revelou publicamente as suas orientações para o processo através do documento "Reforma do Sistema do Ensino Superior – Orientação para Harmonização de Estruturas de Formação no Âmbito do Processo de Bolonha", que impôs ao grupo de personalidades nomeadas.

Com esta iniciativa, a ministra baralhou o calendário anunciado e alterou os princípios metodológicos de trabalho, uma vez que apresentou uma proposta praticamente concluída. De acordo com ela,

- Haveria três ciclos de formação,
- O primeiro ciclo teria a duração de três anos e denominar-se-ia Licenciatura (só haveria excepções nas áreas em que houvesse Directivas Europeias que recomendassem outra duração, como Medicina, Arquitectura e Veterinária),
- O segundo ciclo seria de dois anos e denominar-se-ia Mestrado,
- O terceiro teria pelo menos três anos e denominar-se-ia Doutoramento,
- O Governo apenas financiaria o primeiro ciclo (salvo nos casos em que o "exercício pleno da profissão" exigisse mais do que os três anos do primeiro ciclo).

Começemos por recordar que a Declaração consagra como objectivo das políticas educativas dos países subscritores:

"Adopção de um sistema baseado essencialmente em dois ciclos principais, graduação e pós-graduação. O acesso ao segundo ciclo deve exigir a realização completa do primeiro ciclo de estudos, durante um mínimo de três anos. O grau conferido após o primeiro ciclo de estudos deve também ser relevante para o mercado de trabalho europeu como um nível apropriado de qualificação. O segundo ciclo deve conduzir ao mestrado e/ou grau de doutoramento tal como em muitos países europeus".

Então, vem a propósito lembrar aqui as palavras de um dos portugueses que, tal como o representante da FENPROF e autor deste texto, estiveram em Bolonha na assinatura da Declaração e que foram proferidas na Abertura Solene deste ano lectivo na Universidade de Lisboa, o professor José Barata Moura:

"No quadro actual – de cosmética retrógrada, de provincianismo vanguardista, de confusão extensiva e de «orientações» precipitadas – talvez seja tempestivo recordar alguns pontos:

a) O 1º ciclo, tal como resulta da declaração de Bolonha, entende-se como o primeiro patamar conclusivo de uma formação inicial determinada, eventualmente profissionalizante;

b) O 2º e 3º ciclos são níveis de pós-graduação, pelo que o 2º ciclo não é a segunda parte desse primeiro patamar (com o qual ele apenas se completa), mas um novo percurso de formação avançada, prosseguida, ou não, numa mesma área de especialidade;

c) A pergunta determinante para a definição do conteúdo e creditação do 1º ciclo é, pois: o que se encara como necessário, em termos de ensino e aprendizagem, para se atingir com solidez e boa qualidade uma formação básica na área do saber x e/ou con-

ferindo o título profissional y?

Só a partir da resposta fundamentada a esta questão é legítimo estabelecer que a duração do 1º ciclo numa área determinada do saber será de três, quatro ou cinco anos."

Olhando agora para os vinte e três contribuições encomendadas e disponíveis na Internet e independentemente de alguns valiosos e exaustivos trabalhos, constata-se que elas foram, em geral, marcadas pelas referidas "Orientações para Harmonização de Estruturas de Formação no Âmbito do Processo de Bolonha".

Constitui um caso exemplar o parecer sobre a "Reestruturação dos cursos de Ciências à luz do processo de Bolonha". Recomenda-se o sistema 3, 5, 8, (respectivamente Bacharelato, Mestrado e Doutoramento), o tal que em Bolonha, e para descansar os espíritos mais inquietos com a uniformização, se esclarecia que não era preconizado na precedente Declaração da Sorbonne e que a palavra apropriada para este processo era harmonização.

Mas, por má consciência, ou para simplificar (?), "recomenda-se ainda que as instituições possam dar o título (ou diploma) de Licenciado a bacharéis que completem um programa de (pelo menos) 1 ano (60 ect) de complemento de formação com uma intenção de inserção imediata na vida activa. Este título não será um grau académico."

A originalidade é evidente! No entanto, entendemos que se trata da submissão mais completa às referidas "orientações" superiores que se têm vindo a manifestar por parte dos mais insuspeitos académicos que nos enchem de declarações sobre a excelência, rigor e qualidade.

As mudanças associadas à criação de um Sistema Universitário e de Ensino Superior Europeu, o chamado processo de Bolonha, poderiam constituir uma oportunidade para melhorar a qualificação dos nossos diplomados e estimular formas de cooperação científica e profissional, procedendo à necessária harmonização para a mobilidade.

Porém, estas intenções claras de uniformização e segmentação forçadas de ciclos, denunciam antes um propósito economicista para diminuir a participação do Estado no financiamento do Ensino Superior público e comportam ainda outros perigos e ameaças.

Por um lado, aos de menores recursos económicos não serão acessíveis o segundo e o terceiro ciclos que se preconizam e que terão custos acrescidos de propinas, estratificando assim de forma classista os níveis de Ensino Superior. Por outro lado, o sub-financiamento público força as

universidades a mercantilizarem as suas actividades para superar as suas dificuldades financeiras. Abre-se a porta à "legitimação" da entrada em cena de empresas privadas com fins lucrativos que vendem serviços de ensino e de formação. Hoje, inúmeras empresas europeias e extra-europeias promovem activamente os seus produtos "educativos" em solo europeu, frequentemente em associação com entidades já estabelecidas, confundindo colaboração ou cooperação com subcontratação ou franchising. Ora a uniformização e segmentação em ciclos curtos favorece este processo.

O processo de Bolonha necessita da participação dos docentes, estudantes e das associações e sociedades profissionais na sua concepção e aplicação, precisa de recursos para as inovações curriculares e metodológicas propostas, deve criar um regime de acesso flexível e de mobilidade inter e intra institucional para os estudantes e de promover a autonomia institucional e a suficiência de recursos para a exercer.

A experiência da FENPROF, como organização mais representativa e combativa dos professores, tem mostrado que, com a participação dos directamente interessados e das respectivas instituições, é possível inverter processos e tendências em direcções e por objectivos que pareciam inicialmente distantes.

É preciso ousar e lutar!

* professor do Dep. Engª Mecânica da FCTUC, departamento do Ensino Superior da FENPROF

ENSINO SUPERIOR 5

Estudantes trazem a público falhas da Universidade de Coimbra

Iniciativa “UC à lupa” arrancou ontem

Demonstrar à sociedade civil as deficiências infraestruturais e pedagógicas da Universidade de Coimbra e alertar o Governo é o objectivo da campanha

Margarida Matos

“UC à Lupa”, a campanha de sensibilização da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, começou ontem com uma conferência de imprensa na faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Hoje é a vez de Direito, numa iniciativa que passa por todas as faculdades e culmina com um debate subordinado ao tema “Que Universidade?”, no próximo dia 18 de Abril, na Cantina dos Grelhados.

Denunciar os problemas das faculdades da Universidade de Coimbra é o objectivo da iniciativa, que engloba diversas actividades: um fórum sobre acção social, um dia aberto à comunicação social e uma “Marcha pelo Ensino Superior”, entre outras. Para mostrar os problemas infraestruturais e as condições pedagógicas vão ser realizadas, em todas as faculdades uma Reunião Geral de Alunos e diversas acções simbólicas que se centrem nas principais lacunas. Hoje, na faculdade de Direito, são construídos aquecedores e casas de banho em cartão, enquanto que quinta-feira, por exemplo, as dificuldades da faculdade de Ciências e Tecnologia vão ser denunciadas através de uma simulação de uma sala de estudo, no Largo D. Dinis.

Tem ainda início hoje uma exposi-

ção fotográfica itinerante por todas as faculdades, que tem como tema os locais degradados da UC. Já amanhã, são abordados os problemas da faculdade de Medicina e realiza-se um fórum sobre acção social, na Cantina dos Grelhados.

Para o presidente da (DG/AAC), Fernando Gonçalves, esta campanha “surge num momento ideal, em que os estudantes devem fomentar as suas reivindicações e não contestar por contestar”, porque “se vive um período de grande expectativa em relação as medidas concretas que vão ser anunciadas pelo ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior”. Neste âmbito, a DG/AAC já solicitou uma reunião com o ministro Mariano Gago mas ainda não obteve resposta.

Assim, Fernando Gonçalves defende “ser crucial fazer um levantamento não só dos problemas dos departamentos e faculdades da UC, mas também das residências e repúblicas”. As Reuniões Gerais de Alunos servem “não só para que se discutam as deficiências com que os estudantes se deparam no dia-a-dia mas, sobretudo, para tentar encontrar soluções para as questões mais importantes”.

Já quinta-feira, no dia aberto à comunicação social, vai ser realizada uma visita guiada às instalações da instituição universitária. Segundo o dirigente estudantil, esta “é uma forma de esclarecimento da sociedade civil, em que vão ser apresentadas as principais lacunas do sector”.

“Caderno Negro” compila principais problemas

Na próxima semana, decorre na quarta-feira a “Maratona pela Educação”, com trajeto da Porta Férrea até ao Pólo II. No dia seguinte, tem lugar a “Marcha pelo Ensino Superior”, com início no Largo D. Dinis e terminando no Governo Civil de Coimbra.



SIMÃO RIBAU

Campanha de sensibilização vai analisar a Universidade de Coimbra ao pormenor e trazer a público as principais falhas

Quando às expectativas destas acções de protesto, que vão ter lugar de forma semelhante noutras academias, Fernando Gonçalves aguarda uma “adesão significativa”, salientando que as campanhas avançadas pela direcção-geral “apostam numa estratégia de informação e esclarecimento”, pois “só estudantes informados podem ter uma participação consciente na luta estudantil”.

As duas iniciativas foram definidas no Encontro Nacional de Direcções Associativas que decorreu em Março. Nessa reunião foi ainda aprovada a elaboração de um “Caderno Negro do Ensino Superior”, que pretende juntar as principais dificuldades das

várias instituições universitárias, tanto a nível de logística como ao nível pedagógico. Posteriormente, estas questões serão apresentadas ao ministro do Ensino Superior”, embora a data de entrega do “Caderno” ainda não esteja agendada.

Esta iniciativa foi já lançada a 24 de Março, dia do estudante, pela Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), em conjunto com as outras associações de estudantes do ensino superior, que apresentaram um inquérito aos alunos. Para recolher os vários contributos, foi criado um formulário, que está disponível na Internet até ao próximo dia 15 de Abril em

www.aac.uc.pt/livronegro. No questionário pergunta-se, por exemplo, qual é o valor da propina paga na respectiva instituição universitária, como são as infra-estruturas disponíveis e as condições pedagógicas, de acção social escolar e a qual a representatividade dos alunos nos órgãos de gestão.

Segundo Fernando Gonçalves, este documento tem por objectivo “sustentar a luta dos estudantes e confirmar que o Estado não tem investido no ensino superior, isto é, “que se tem assistido nos últimos anos a um sub-financiamento”. Deste modo, sublinha, é fundamental “alertar para as preocupações dos estudantes”.

Reitores expectantes em relação a Mariano Gago

O presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, Adriano Pimpão, exige que no próximo ano lectivo seja o Executivo a fixar o valor das propinas

Carina Valério

O Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP) está expectante quanto ao trabalho que vai ser realizado pelo novo Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Mariano Gago. Para Adriano Pimpão, presidente do CRUP e reitor da Universidade do Algarve, Mariano Gago, enquanto ministro (de 1995 a

2000) “deu um grande impulso ao desenvolvimento da investigação científica nas universidades, o que permitiu às universidades portuguesas afirmarem-se no espaço europeu de ensino superior”. No seu entender, estes são factores que levam a haja grandes expectativas quanto ao desempenho do novo ministro.

Adriano Pimpão foi colega de Executivo de Mariano Gago enquanto secretário de Estado de Desenvolvimento Regional no primeiro Governo de António Guterres. Nessa altura, Mariano Gago ocupava o lugar de ministro da Ciência e deixou “óptimas indicações”.

O CRUP defende que cabe ao Governo fixar o valor das propinas já no próximo ano lectivo. Para que tal seja possível alertam para a urgência de uma revisão à Lei do Financiamento das Universidades, aprovada em 2003, já que, com base nesta lei, são os senados ou os conselhos directi-

vos que estão incumbidos de fixar, anualmente, o valor da propina. Para reforçar esta posição, os reitores lembram ao PS que, enquanto oposição, acusou o anterior Governo de “cobardia política”, por ter delegado esta responsabilidade nas instituições. E isto significa, diz Adriano Pimpão, “que foram os reitores que aguentaram o embate da contestação”, sendo a fixação do valor da propina uma “opção política”, que decorre da opção feita no Orçamento de Estado no que diz respeito às verbas para as universidades.

Assim, Adriano Pimpão defende que esta medida deve ter os seus efeitos já no orçamento de 2005. Ainda relativamente à questão do orçamento, o CRUP propõe que o orçamento transferido represente aproximadamente 100 por cento do Orçamento Padrão, que deve ser calculado com base no número de aluno. O CRUP alerta também para a importância de retomar o diálogo

com o ministério, no sentido de criar uma nova fórmula que corrija aquilo que entende como erros da fórmula de 2005. Esta fórmula deve ter sobretudo em conta critérios de qualidade - introduzidos progressivamente até um limite de cinco a seis por cento, primando por ser estável.

Entre outras matérias a resolver a curto prazo, Adriano Pimpão afirma que “é necessário avançar com a legislação e regulamentação da Declaração de Bolonha e processo de internacionalização do ensino superior”. Contudo, o reitor da Universidade do Algarve acrescenta “que Portugal não está muito atrasado nesta questão”, pois “está a aprender com países que cometeram determinadas precipitações”.

Por outro lado o CRUP defende que seja revista a Lei de Autonomia, “no sentido de reforçar e consagrar as autonomias científica, pedagógica, organizacional, administrativa e financeira”.

SOS-Estudante com menos chamadas

A linha lançou os dados estatísticos de 2004.

Diminuição do número de chamadas recebidas e aumento da procura de informações são as novidades

Bruno Vicente

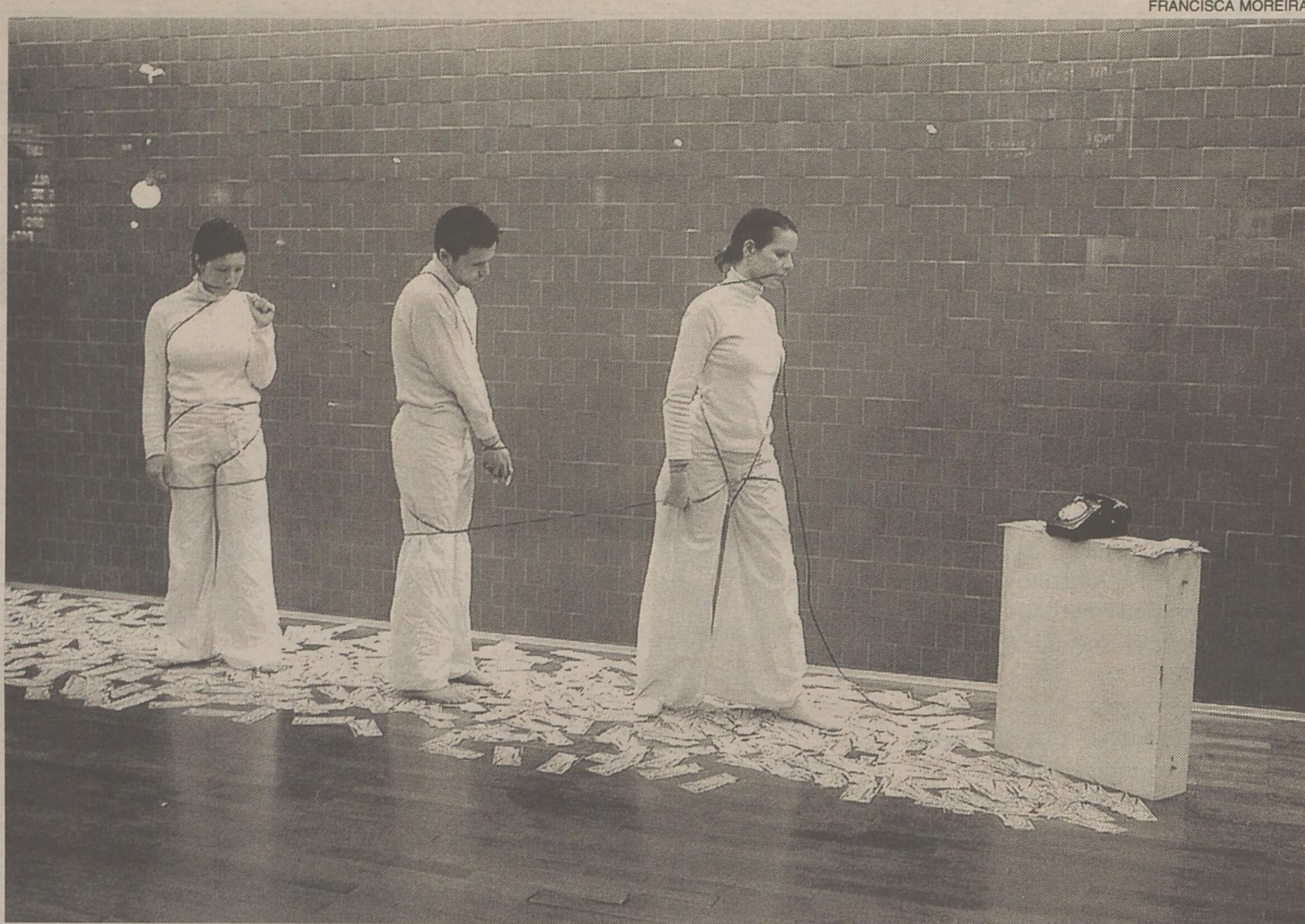
Entre Janeiro e Dezembro de 2004, a SOS-Estudante, a linha de apoio emocional e prevenção ao suicídio da Associação Académica de Coimbra, recebeu 1757 chamadas. Estes dados representam um decréscimo considerável em relação a 2002, que assinou 2017 telefonemas e principalmente em relação a 2003, onde se verificaram 2134 chamadas.

Na origem deste fenómeno pode estar "a reabertura da linha Lua, em Aveiro, que tem algumas semelhanças com a SOS-Estudante", explica Paula Miranda, coordenadora de voluntários.

Por outro lado, apesar da redução de chamadas, ocorreu um aumento na solicitação de informação. A presidente da SOS-Estudante, Inês Santos, clarifica que esta situação "se pode dever ao facto de haver uma publicidade na televisão, que faz esse reparo: também fazemos reencaminhamento e damos informações".

De facto, os reencaminhamentos são um ponto essencial no trabalho que a linha tem realizado, quer ao nível de instituições, quer ao nível de informação, o que reflecte também as parcerias que a linha possui com diversas associações de serviços de apoio específico.

A linha SOS-Estudante está sediada na Associação Académica de Coimbra, mas a sua intervenção não se esgota a nível regional, nem é exclusiva ao universo estudantil. De facto, "o número é divulgado nacionalmente, pelo que é natural que pessoas de outras faixas etárias e de todo o país se identifiquem e liguem", es-



Campanha de sensibilização da SOS-Estudante, em 2002. A linha de apoio emocional tem tido menos procura

clarece Paula Miranda.

Assim se entende que na distribuição de chamadas por idade, a faixa etária com mais telefonemas seja a dos 30 aos 50 anos (470 chamadas), seguida da que compreende as idades entre os 22 e os 25 anos, com 319 chamadas. Porém, Inês Santos salienta que "as faixas etárias que dizem respeito a estudantes estão a aumentar".

Por outro lado, e apesar da procura de informação, na distribuição das chamadas por tema mantém-se a tendência verificada nos últimos anos, onde os problemas da solidão (438 chamadas) e dos relacionamentos (364 chamadas) comandam.

No ano transacto uma das principais apostas da linha foi a maior preocupação pelas formações, aposta num atendimento de qualidade e nas técnicas de atendimento prestadas pelos voluntários. Actualmente a linha tem

cerca de 30 colaboradores, "que têm que ser calmos e estáveis", avança a coordenadora de voluntários, Paula Miranda.

Apesar da delicada situação económica da linha, que muitas vezes exige donativos dos próprios sócios, há já um conjunto de eventos planeados. Deste modo, a Secção SOS-Estudante prevê a realização de um workshop, para comemorar o oitavo aniversário da linha, que surgiu a 17 de Abril de 1997.

Na Queima das Fitas, a linha pretende fazer publicidade, de modo "a que a comunidade se aperceba de que a linha é de apoio e garante a confidencialidade e o anonimato", aponta Paula Miranda.

Por outro lado, paralelamente ao número fixo disponível, 808 200 204, a linha SOS-Estudante tem em agenda o lançamento de um número móvel, "que visa facilitar os estudantes,

visto que muitos deles não têm rede fixa", conclui Inês Santos.

A filosofia da linha

No apoio a quem procura ajuda, a linha SOS-Estudante mantém a arma de intervenção que tem vindo a utilizar nos últimos anos. Assim, o saber ouvir, o não aconselhar nem julgar permite criar a quem liga o espaço necessário para falar dos seus problemas e procurar, assim, uma forma de auto-consciência.

Inês Santos salienta que "a função da linha é respeitar e saber ouvir as pessoas e não solucionar o problema de quem está do outro lado", ao que Paula Miranda acrescenta: "Nós servimos apenas de espelho. Projectamos aquilo que a pessoa nos dá, para que ela chegue às suas próprias conclusões".

Queima das Fitas apresenta programa

Actividades em todas as faculdades são a aposta da Comissão Organizadora

João Campos

O programa cultural e desportivo da Queima das Fitas foi apresentado sexta-feira. Algumas actividades já tiveram início e prolongam-se até Agosto (no caso do programa desportivo) e Outubro (no caso da cultura).

Dentro do programa cultural, o comissário do Pelouro de Cultura, Ricardo Calado, aborda a qualidade

e diversidade destas actividades. Ricardo Calado destaca como uma das áreas privilegiadas as exposições, em especial a "Histórias da Queima", com a exibição de todos os cartazes da festa. Esta exposição vai decorrer no Museu Académico até Outubro, podendo prolongar-se até Fevereiro do próximo ano, uma vez que, no entender de Ricardo Calado, "a Queima não se deve restringir a dois ou três meses".

Outras áreas abordadas incluem ciclos de palestras, música, cinema e teatro. Na área da música, o comissário da cultura realça o tributo a Carlos Paredes, a ter lugar no Convento de São Francisco no próximo dia 24. No cinema, está marcado um

ciclo de cinema dedicado a David Lynch e o primeiro concurso de curtas-metragens da Associação Académica de Coimbra, "para que se demonstre a capacidade criativa dos estudantes", sublinha o comissário.

Em relação ao programa desportivo, o comissário do Desporto, Eduardo Gonçalves, considera o programa "bastante extenso", envolvendo duas áreas: uma de actividades comuns e outra de desportos de aventura, denominada "Queima Sports". Eduardo Gonçalves destaca neste programa a Regata Internacional, na qual se esperam cerca de mil participantes, e os Jogos sem Fronteiras, iniciativa baseada no programa televisivo e a ter lugar no Parque

Verde do Mondego no próximo dia 20.

Outras actividades do programa desportivo incluem mais cinco actividades internacionais, nomeadamente torneios de taekwondo, de judo e natação, o torneio universitário de sevens em rãguebi e o "University Ladies Open", em ténis. Os desportos na neve e na praia estão também integrados neste programa, com iniciativas em Andorra e na Figueira da Foz, respectivamente.

Quanto à apresentação das Noites do Parque, o presidente da Comissão Central, Bruno Mendes, garante que tudo está a correr dentro do previsto e que "o anúncio está previsto para as próximas semanas".

Inaugurado Centro de Emprego

Orientar e inserir licenciados no mercado de trabalho são os principais objectivos do Centro de Orientação e Emprego de Licenciados (COEL) que vai hoje ser inaugurado e apresentado. Este centro de emprego resultante de uma parceria entre a Universidade de Coimbra (UC) e o Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP) vai funcionar na Rua Padre António Vieira, número 5, em frente ao edifício sede da Associação Académica de Coimbra.

Este novo centro de emprego, vocacionado para um atendimento personalizado e especializado para detentores de habilitações superiores ou estudantes em final de curso, vai abarcar os licenciados residentes na Região Centro (distritos de Aveiro, Castelo Branco, Coimbra, Leiria, Guarda e Viseu), onde se estima que anualmente adquiram a licenciatura entre 11 e 12 mil estudantes.

O COEL tem como finalidades promover a divulgação e procura de emprego, fomentar o empreendedorismo, orientar a decisão do projecto pessoal do emprego e ajudar ao estabelecimento de parcerias tanto em Portugal como no estrangeiro.

O reitor da Universidade de Coimbra, Seabra Santos, justifica o envolvimento da instituição universitária neste projecto pela responsabilidade que tem na colocação no mercado de trabalho dos quadros que anualmente forma. "Criar perspectivas de empregabilidade numa sociedade que não tem dado grandes facilidades é uma responsabilidade não só do Estado", mas "também das instituições que formam", sublinhou, acrescentando, que anualmente saem da UC para o mercado de trabalho 2300 licenciados dos 2800 novos alunos que em cada ano se inscrevem.

Já o presidente do IEFP, Fernando Almeida Baptista, sustentou que este centro "é o primeiro passo de um longo caminho de cooperação". Almeida Baptista acrescentou que "o COEL é uma experiência piloto para responder a um segmento de população que procura emprego. Se correr bem, será disseminado a nível nacional", adiantou.

O centro vai ser coordenado pela UC, que vai assegurar os recursos humanos, enquanto que ao IEFP cabe disponibilizar as instalações, a informação necessária e a formação dos técnicos envolvidos.

O um protocolo entre as duas instituições foi assinado no dia 28 de Março, e baseia-se no trabalho já desenvolvido pelo IEFP, vocacionado para intervir nesta área, e pela Universidade de Coimbra, através do Núcleo de Saídas Profissionais e da Unidade de Inserção na Vida Activa (UNIVA).

SEXTA
informática Multimédia Lda
GERAÇÃO

INFORMÁTICA À SUA MEDIDA...

O PREÇO É IMPORTANTE....

QUALIDADE É FUNDAMENTAL!

Desconto especial para estudantes: 5%

Galerias Avenida,
4º Piso, Loja 416
3000 Coimbra
Portugal

Tel. 239 834778 Fax. 239 827055

Url: www.6Geracao.web.pt

e-mail: avenida416@hotmail.com

PUBLICIDADE

Baixa em desconstrução

Falta de projecto do metro divide opiniões

Conselho da Cidade e Pro Urbe contestam obras de demolição da Baixa. A Metro Mondego considera que a polémica é uma “situação temporária”

João Campos
Filipa Oliveira

A Metro Mondego (MM) iniciou, no mês passado, a primeira fase de desconstruções na Baixa de Coimbra. Este processo visa a abertura da primeira via para a passagem do eléctrico rápido. Contudo, a iniciativa tem sofrido alguma contestação por parte do Conselho da Cidade de Coimbra (CCC) e da Pro Urbe, dada a inexistência de projecto.

O presidente do conselho de administração da MM, José Mariz, compreende a preocupação destes órgãos da cidade, no entanto “o tempo está-se a escoar e a sociedade Metro Mondego tinha de criar o seu canal”, defende. O responsável máximo pelo conselho de administração lembra que, lançado o concurso público internacional, a sociedade tinha cerca de 17 meses para ter o corredor livre, pelo que, e no entender de José Mariz, “este processo está a partir na hora exacta”.

A presidente do CCC, Maria de Lurdes Cravo, refere que o órgão não se apresenta contra a realização da obra, apenas questiona a maneira como avançaram os trabalhos de desconstrução na Baixa. O Conselho da Cidade defende que “as demolições tinham que ter como base um projecto de intervenção que deveria ser da responsabilidade da Câmara Municipal de Coimbra”, que é a en-



Obras de desconstrução da Baixa têm dividido opiniões na cidade

tidade gestora do território em coordenação com a Sociedade de Reabilitação Urbana e com a MM. Maria de Lurdes Cravo salienta ainda que, inicialmente, “se deviam traçar linhas estruturantes claras e só depois avançar com o projecto de desconstrução. A presidente do CCC lembra os debates realizados no último ano em torno da questão e nos quais foram apresentadas algumas propostas por arquitectos da cidade para cada uma das dez estações de metro, julgando que, a partir daí, haveria mais cuidado ao partir para esta intervenção.

Outra das críticas de Maria de

Lurdes Cravo prende-se com as motivações que levaram a este processo. “Actualmente, naquilo que são as políticas urbanas mais contemporâneas, há que definir claramente os objectivos do projecto, o que não é o caso”, acrescenta a presidente. Neste âmbito, o Conselho da Cidade considera que teria sido interessante fazer um estudo de caracterização sociológica, para avaliar os interesses da população para as zonas de intervenção do Metropolitano Ligeiro do Mondego.

A primeira de três fases

Os trabalhos iniciais são realiza-

dos em três fases distintas. A primeira fase, que já está em curso, comporta os edifícios entre o “Bota Abaixo” e a Rua Direita, envolvendo vários edifícios habitacionais e comerciais. José Mariz revela que “as desconstruções estão a decorrer dentro do normal e com muito cuidado”. No entanto, aponta para complicações na Rua da Sofia, devido aos vários edifícios comerciais aí existentes.

Confrontado com a possível reacção negativa por parte dos proprietários, o presidente do conselho de administração da MM encara esta como normal, uma vez que “aqueles

locais são o sustento de uma vida para muitos deles”. José Mariz adianta que não há nenhum caso grave e as maiores complicações têm surgido na negociação das parcelas com os proprietários, uma vez que chega a haver parcelas com vinte pessoas para negociar. A relação com os habitantes também está a correr “bastante bem” na opinião do responsável pela sociedade MM. As negociações com os habitantes da Baixa estão a ser feitas em parceria com o departamento de habitação da Câmara Municipal de Coimbra (CMC).

Relativamente às críticas de que tem sido alvo a intervenção sem projecto da MM, José Mariz qualifica-as como temporárias, estando confiante que, mais tarde ou mais cedo, vai haver uma concordância com os órgãos que se mostram renitentes. Confrontada com as declarações do presidente do conselho de administração da MM, Maria de Lurdes Cravo vê esta situação como possível, na medida em que as opiniões e ideias do Conselho da Cidade sejam tidas em conta. “Se houver sinais claros da parte da câmara e da MM em avançarem com algumas ideias propostas, há concordância com certeza”, remata Maria de Lurdes Cravo. Contudo, salvaguarda que “sempre que o Conselho da Cidade não estiver de acordo em relação àquilo que considera essencial, vai manifestar a sua opinião”.

Estão agendadas, para esta semana, reuniões entre o conselho de administração da empresa Metro Mondego e o novo Executivo, bem como a realização de conferências de imprensa regulares com o objectivo de informar a população sobre as várias vertentes do metro. Esta semana, o tema em análise é o financiamento do projecto.

Coimbra quer ser Capital Mundial do Livro

A cidade concorreu à organização do certame de divulgação de literatura para o ano de 2007. A UNESCO promove o evento

Sofia Carvalho
Rui Simões

A cidade de Coimbra é candidata a Capital Mundial do Livro em 2007. A candidatura foi apresentada pela Câmara Municipal de Coimbra (CMC) no passado dia 19 e a decisão final apenas será conhecida dentro de dois a três meses.

Coimbra é, assim, a primeira cidade portuguesa a concorrer a esta iniciativa que consiste na criação de um programa de promoção do livro e de proliferação de hábitos de leitura. “Sensibilizar, promover e divulgar o livro” é, nas palavras do vereador da Cultura da autarquia, Mário Nunes, a finali-

dade deste projecto. O vereador vem justificar esta candidatura dizendo que “Coimbra é uma referência mundial”, acrescentando que “a cidade tem uma história milenar”, na qual sempre revelou “uma apetência pelas ciências, artes e letras”.

Encontrando-se já em curso actividades como a criação da Casa da Escrita e da Casa Museu Miguel Torga, a autarquia prevê ainda o lançamento do espaço “Saber Ler ao Cubo”. A Casa da Escrita será um espaço dedicado ao livro e à leitura, que também poderá servir de abrigo a um escritor perseguido no seu país, no âmbito do programa de cidades refúgio. Entratanto, a Casa Museu Miguel Torga vai transformar-se num local de homenagem ao falecido escritor, no edifício que lhe serviu de lar na cidade coimbrã. Já o programa “Saber Ler ao Cubo” consistirá na existência de um espaço no Parque Verde do Mondego, onde os cidadãos terão acesso à leitura, podendo desfrutar da paisagem.

Mário Nunes refere também como possí-

veis acções a realizar “uma exposição itinerante com livros, pensamentos e extractos de personalidades das ciências, das artes, das letras, da política e economia”.

A elaboração do projecto a apresentar à UNESCO processou-se de forma rápida, já que a CMC apenas tomou conhecimento da iniciativa um mês antes da data limite para entrega de candidaturas. De acordo com Mário Nunes, a autarquia apenas soube do evento através “da Internet, de uma livraria e do professor Manuel Couto”. Após isso, e segundo o titular da pasta da Cultura, foram realizadas “três ou quatro reuniões para discutir a viabilidade da candidatura” e depois de “três dias de trabalho intensivo final” o projecto foi enviado à UNESCO um dia antes do prazo limite. Esta fase final contou com os apoios da Reitoria, da Biblioteca Geral, do Arquivo e da Imprensa da Universidade de Coimbra, bem como da Livraria Almedina.

Sem serem ainda conhecidas as outras candidatas ao título de Capital Mundial do

Livro de 2007, Mário Nunes reforça ainda, como pontos a favor da candidatura coimbricense, o “património grandioso” da cidade, referindo-se concretamente à Biblioteca Joanina - que diz ser “quase única na Europa e que tem livros raros” - e à Biblioteca Geral da universidade.

Por iniciativa da UNESCO, a Capital Mundial do Livro surgiu pela primeira vez em 2001, em Madrid, com o apoio da Federação Internacional de Livrários, da Associação Internacional de Editores e da Federação Internacional de Associações e Instituições de Bibliotecas. O objectivo à época, e que se mantém, era o de alargar a comemoração do Dia Mundial do Livro e dos Direitos de Autor (23 de Abril) a todo o ano.

Depois de Madrid, seguiram-se na recepção do evento Alexandria (2002), Nova Deli (2003) e Antuérpia (2004). Este ano a organização estará a cargo de Montreal (Canadá), estando já confirmada a escolha de Turim para o próximo ano.

8 NACIONAL

Lei autárquica em discussão

Grupos parlamentares concordam com a necessidade de alterações à legislação autárquica

Limitação de mandatos, a lei de financiamento e o reforço dos poderes das assembleias municipais são pontos a alterar

Ana Bela Ferreira

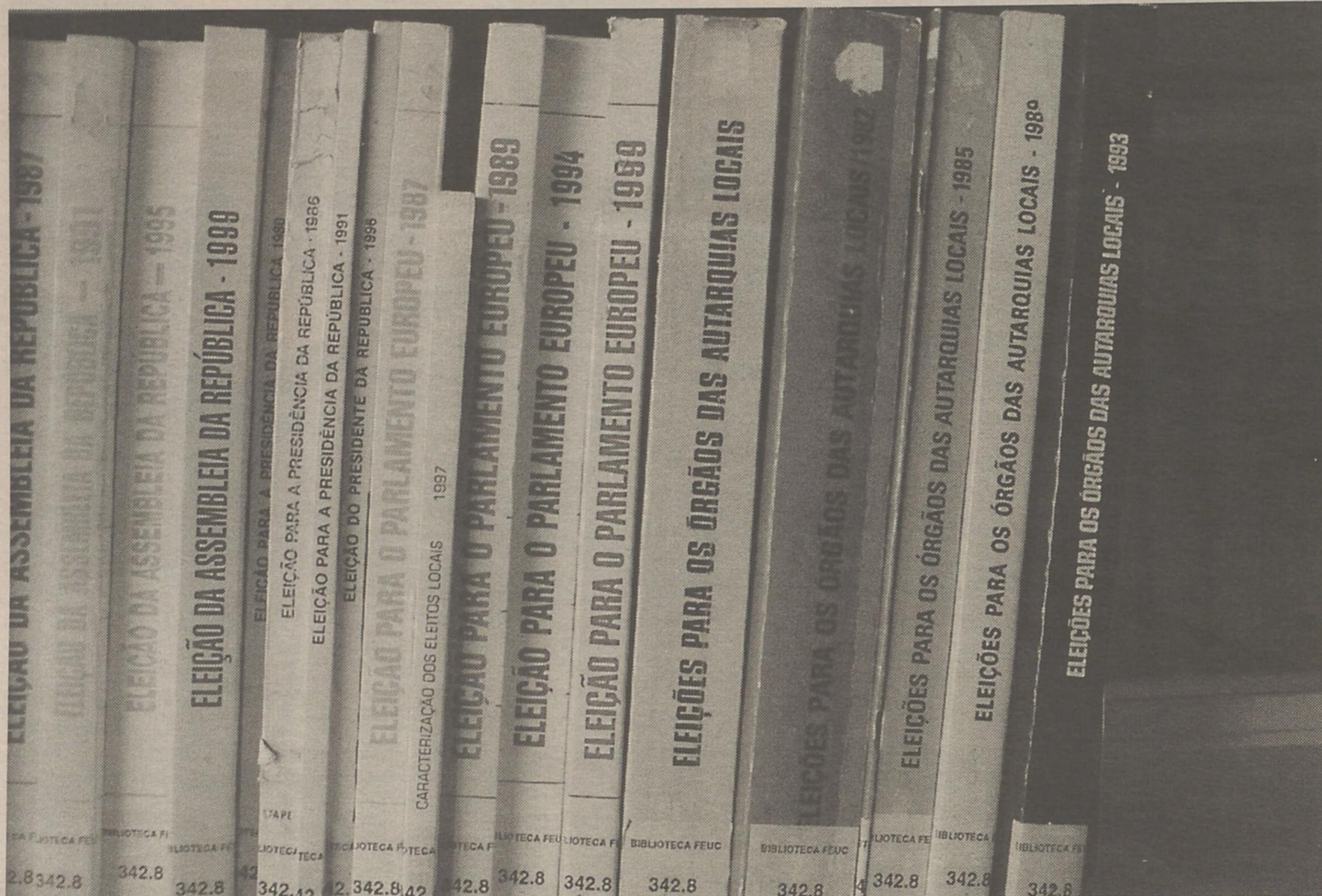
Os diversos partidos com assento parlamentar preparam os respectivos projectos de lei referentes à revisão da legislação autárquica. Esta revisão não deve, no entanto, ser aplicada antes das eleições de Outubro próximo.

Alberto Martins, líder do grupo parlamentar socialista explica que a sua proposta “retoma no essencial uma proposta que o partido apresentou no passado”. Este apresenta um projecto de lei que “incide sobre o sistema de governo local”, na medida em que o objectivo é “adoptar uma solução simétrica à que existe para as Juntas de Freguesia”, ou seja, assentando “na ideia de haver executivos homogeneos”, esclarece Alberto Martins.

O projecto de alteração da lei de financiamento das autarquias é encarado pelo grupo parlamentar do BE como “uma prioridade”. Desta forma, a deputada bloquista Alda Macedo defende “uma nova lógica de solidariedade entre as diversas autarquias a nível nacional”, explica.

No projecto de lei do PSD pode ler-se que “o modelo desejado”, para os órgãos das autarquias locais, “aposta na criação de melhores e efectivas condições de governabilidade, eficiência e responsabilização dos governos locais”.

Numa apreciação aos outros projectos de lei, Jerónimo de Sousa, secretário-geral do PCP, considera que estas são “propostas que subvertem as ca-



Partidos defendem que a limitação de mandatos é um dos pontos a rever na legislação autárquica

racterísticas essenciais do poder local com a eliminação da pluralidade das forças políticas representadas nos órgãos executivos municipais”.

A limitação de mandatos é uma das alterações contempladas em todos os projectos de lei. A este respeito o PS assume que este é “um compromisso do programa de governo” e que este apresentará uma proposta de lei nesse sentido. Para Alberto Martins esta medida deve ser aplicada ainda antes de Outubro, uma vez que é “uma questão de fundo” e não “coloca em causa o processo eleitoral tal como ele está desenhado”, conclui.

O BE defende, também, a limitação de mandatos dos executivos municipais. Alda Macedo considera “inacei-

tável que o mesmo autarca possa estar à frente de um executivo durante dez, 15 ou 20 anos”. Esta situação é, na opinião de Alda Macedo, “perversa” pois “dá lugar à instalação de rotinas”, assim como “à condução do debate político em torno daquilo que são as pessoas que encabeçam a lista”.

O projecto dos sociais-democratas prevê o “limite à renovação sucessiva dos mandatos para além de três”. A única posição contra esta medida surge do grupo parlamentar do PCP. Jerónimo de Sousa defende que a “limitação de mandatos apenas é dirigida aos eleitos do poder local, estigmatizando o exercício dos eleitos nas autarquias”.

O reforço dos poderes das assem-

bleias municipais faz parte de todos os projectos dos grupos parlamentares. As assembleias municipais enquanto órgão legislativo dos municípios têm, na perspectiva de Alda Macedo, “um poder excessivamente limitado”.

No entanto, e apesar dos grupos parlamentares mostrarem que gostariam que a lei fosse aplicada antes das eleições de Outubro, reconhecem que “deve ser difícil”. Por outro lado, Jerónimo de Sousa considera “inaceitável que a seis meses da apresentação das candidaturas se pretenda alterar o quadro legal”.

A CABRA não recebeu, em tempo útil, a reacção do CDS/PP relativamente a esta temática.

Coimbra recebe Jovens do Bloco

Filipa Oliveira

De 8 a 10 de Abril, Coimbra acolhe a III Conferência dos Jovens do Bloco de Esquerda (BE), num encontro que preconiza reunir toda a militância e activismo dos jovens do partido, sob o lema “Unir as lutas, construir as alternativas”. Segundo o coordenador nacional dos jovens do Bloco, Renato Teixeira, a reunião pretende “redefinir a estratégia política e de intervenção dos militantes no contexto político nacional”.

Ao longo dos três dias, o departamento de Matemática da Faculdade de Ciências e Tecnologia vai ser palco de discussão de diversos temas desde as questões de feminismo, e guerra/globalização, passando pela despenalização do aborto, o direito à sexualidade, ecologia, finalizando com um debate sobre a precariedade laboral nos jovens. Renato Teixeira considera que “os debates são os espaços de discussão política, onde os militantes têm acesso à intervenção”, e onde são traçadas as linhas de orientação.

Desta forma, “é necessário aprofundar o debate político o mais possível para que a estratégia reflecta essa mesma discussão”, salienta o militante do BE. No último dia, as diversas propostas políticas e organizativas vão ser apresentadas, discutidas e votadas “para prosseguir a construção dos Jovens do BE para os próximos dois anos”, acrescenta.

PND realiza Convenção Nacional

Milene Cunha

O Partido Nova Democracia vai realizar uma Convenção Nacional Extraordinária a decorrer nos dias 16 e 17 de Abril em Aveiro.

“O que está em causa é repensar a própria estrutura orgânica do partido e acertar a sua estratégia para os próximos tempos, já que o partido está numa fase de implantação”, diz João Almeida Garrett, membro da direcção do partido, acrescentando que “não se exige uma reformulação do partido que ainda é muito jovem e que não tem de se reformar: só tem de crescer e implantar-se”. Contudo, Almeida Garrett garante pretender “uma reflexão intensa, alargada e profunda de forma a esclarecer claramente a posição ideológica” do partido.

Outro objectivo da convenção é eleger um novo Conselho Geral e novos titulares para os cargos de presidente e secretário-geral. João Almeida Garrett diz não haver candidatos e que “todos são possíveis candidatos”. No entanto, afirma que não haverá mudanças “espectaculares”. O membro da direcção do PND diz ainda pensar que Manuel Monteiro se vai “manter presidente do partido que fundou em conjunto com o resto da equipa”.

PSD reúne em congresso

O congresso extraordinário dos sociais-democratas terá lugar em Pombal no próximo fim-de-semana

Diana do Mar

O XXVII Congresso Nacional do Partido Social Democrata (PSD) está agendado para os próximos dias 8, 9 e 10 de Abril, na Expocentro - Centro Municipal de Exposições de Pombal e tem como principal objectivo eleger o novo líder.

Os dois candidatos à presidência do partido, Luís Filipe Menezes e Luís Marques Mendes, prosseguem as respectivas campanhas pelo país. A campanha interna tem contado

com alguma contenção de custos, uma vez que o partido não contribui a nível financeiro.

Em relação ao programa do congresso social-democrata, este terá início às 19 horas da próxima sexta-feira, altura em que Pedro Santana Lopes discursará pela última vez como presidente da Comissão Política Nacional do partido. De seguida, as moções estratégico-políticas serão apresentadas e debatidas.

No segundo dia termina o prazo para a entrega das listas para os órgãos nacionais do partido e o último dia assinala a eleição do novo líder, que será o responsável pelo encerramento do congresso.

No que diz respeito às metas que os candidatos pretendem atingir, no caso de serem eleitos, Luís Marques Mendes afirma pretender “dar prioridade” à preparação das eleições autárquicas após o congresso extraordi-

nário, uma vez que “o processo está atrasado”. Para além disso, o ex-ministro dos Assuntos Parlamentares do PSD prefere não referir nenhum nome para as próximas eleições porque é uma decisão que “tem de ser tomada em consonância com as estruturas locais e distritais” do partido.

No que toca às presidenciais do próximo ano, o candidato considera que “os candidatos devem apresentar-se por si”, mas sublinha o facto do país precisar de “equilíbrio entre os dois órgãos de soberania, Presidência da República e Governo”. No entanto, questionado em relação a uma eventual candidatura de Cavaco Silva, Marques Mendes admite que este “preenche totalmente o perfil político definido”.

Do outro lado, o presidente da Câmara Municipal de Gaia, Luís Filipe Menezes, pretende fomentar uma política “assente na renovação do parti-

do e na necessidade de o recentrar no centro-esquerda”. Já no que concerne às autárquicas, Menezes salienta a necessidade de “candidatos fortes” e refere António Mexia como o seu candidato para Lisboa. Do mesmo modo, sublinha a importância de clarificar a “estratégia laranja” para as presidenciais e confirmou, na passada sexta-feira, o seu apoio a Cavaco Silva.

Relativamente a alianças políticas, o autarca advoga que “o PSD deve candidatar-se sozinho em todas as eleições nacionais”. Para Luís Filipe Menezes, o PSD “não pode continuar a não ter posições”, nomeadamente em relações a “matérias difíceis” como o aborto ou a regionalização.

Apesar de políticas divergentes, os candidatos pela liderança do PSD partilham da opinião de que é necessário fazer uma oposição “séria e responsável” ao Governo socialista.

INTERNACIONAL 9



O governo norte-coreano diz-se capaz de responder a um eventual ataque norte-americano

Coreia do Norte reafirma ameaça nuclear

O regime ditatorial de Pyongyang mostrou estar preparado para fazer frente a um eventual ataque norte-americano.

Marisa Ferreira

O governo da Coreia do Norte anunciou, no final de Março, que reforçou o seu arsenal nuclear e mobilizou as tropas para a guerra, como forma de prevenção contra um provável ataque norte-americano. Estas declarações, captadas radiofonicamente em Seul, ocorreram um dia depois da viagem de uma semana da secretária de estado norte-americana, Condoleezza Rice, por vários países da Ásia. Condoleezza Rice voltou a afirmar que os EUA não tencionam atacar militarmente este país, preferindo enveredar por um mecanismo de negociações entre os dois estados.

Segundo o primeiro ministro da Coreia do Norte, Pak Pong-Ju, na sua visita oficial à China, o governo norte-coreano, apesar de ter suspenso em Fevereiro, por tempo indeterminado as negociações, mostra-se disponível para novas conversações sobre o programa nuclear do país, não só com os EUA, mas também com a Rússia, o Japão e a Coreia do Sul.

Há cerca de dois anos que o conflito entre EUA e Coreia do Norte se tem vindo a agudizar. Durante a administração de Bill Clinton alcançou-se uma abertura comunicativa entre este regime de índole estalinista e o governo americano.

Washington acordou, nesta altura, com o governo de Pyongyang, que forneceria combustível e alimentos em troca da interrupção da construção de uma central nuclear, com vista à produção deste tipo de armamento. A política administrativa de Bill Clinton obteria a maior aproximação alguma vez realizada entre estes dois governos.

Quando George W. Bush abraçou a presidência dos EUA depressa se edificou uma postura mais rígida perante a governação do líder coreano Kim Jong Il. O governo americano exigiu que a Coreia do Norte suspendesse a exportação de armas e que retirasse as armas convencionais junto à zona de desmilitarização na península coreana. Desta forma, segundo os EUA, o regime ditatorial coreano demonstraria explicitamente o seu desejo de pacificação.

No Outono de 2002, durante o seu discurso ao congresso norte-americano, o presidente Bush declarou que a Coreia do Norte, a par do Iraque e do Irão, se afirmavam como "o eixo do mal que ameaça a paz no Mundo". Os dirigentes norte-coreanos reagiram afirmando que se tratava de uma provável declaração de guerra.

A República Democrática Popular da Coreia, anunciou nessa altura que possuía um programa de enriquecimento de urânio para armas nucleares e expulsou os inspectores da Agência Internacional de Energia Atómica. O regime de Pyongyang declarou ainda a sua saída do Tratado de Não-Proliferação Nuclear (TPN) e ameaçou os EUA, o Japão e a vizinha Coreia do Sul de retaliação, caso estes decidissem investir numa acção bélica de carácter pre-

ventivo contra as suas instalações. O estado norte-coreano infringiu, deste modo, todo e qualquer acordo a que tinha aderido, como o TPN, AIEA, o Agreed Framework, entre outros.

A resposta norte-americana enveredou por uma suspensão do envio gratuito de combustível, pela cessação da construção de dois reactores destinados a fornecer energia à Coreia do Norte, e pelo corte significativo de ajuda humanitária.

Desobediência pode levar a outras ameaças

A Coreia do Norte é um dos países mundialmente mais afectados pela pobreza e pela fome. O Programa Alimentar Mundial fez notar que, devido à falta de doações e ao problema referente às restrições aplicado pelo governo comunista no que respeita à distribuição de alimentos, abastecer a população coreana será complexo e difícil.

A sobrevivência norte-coreana depende da ajuda externa. Todavia, a sua intransigência e chantagem no possível uso de armas nucleares colocam-se como uma moeda de duas faces. A aplicação de tal estratégia implica, por um lado, a cedência internacional no apoio alimentar e energético, mas, por outro, pode revelar-se letal para a continuidade do regime ditatorial em vigor.

A condescendência internacional face aos incumprimentos de Pyongyang poderá ter repercussões de larga escala. A desobediência norte-coreana aos pactos anteriormente estabelecidos possibilita que vários estados como o Japão, a Coreia do Sul, o Irão e a Líbia se afirmem na corrida ao armamento nuclear.

Presidente croata demitido da Bósnia

Dragan Covic, presidente croata da Bósnia, foi demitido pela comunidade internacional depois de ter sido acusado de fraude

Sandra Ferreira

O elemento croata na presidência tripartida da Bósnia-Herzegovina, Dragan Covic, foi forçado a abandonar o cargo, no dia 29, pelo alto representante da comunidade internacional, Paddy Ashdown. Acusado de corrupção durante o seu mandato como Ministro das Finanças da Federação Croato-Muçulmana, que exerceu entre 1998 e 2000, Covic afirma estar a ser vítima de uma cabala, recusando-se a abandonar o cargo.

A demissão de Dragan Covic tem vindo a ser exigida desde o início de Março, altura em que o croata foi formalmente acusado de abuso de poder, fraude aduaneira, evasão fiscal e suborno. Apoiado pelo seu partido, a União Croata Democrática, que defende que "qualquer pessoa é inocente até ser condenada", Covic recusou demi-

tir-se, afirmando que está a ser alvo de uma "estratégia conjunta judicial, diplomática e mediática" e que a sua acusação foi "redigida e confirmada por estrangeiros". Contudo, a comunidade internacional defende que a demissão de Covic é essencial para "preservar a legitimidade da presidência da Bósnia".

Assim, perante a recusa de Dragan Covic em retirar-se da vida política, Paddy Ashdown viu-se forçado a recorrer aos seus poderes enquanto alto representante da Comunidade Internacional na Bósnia e demiti-lo. No passado dia 29 de Março, Ashdown "solicitou" a Covic que se retirasse "imediatamente da presidência", ficando-lhe "vedado também qualquer outro cargo na administração". O diplomata britânico admite, todavia, que Covic poderá voltar a exercer o seu cargo, caso a sua inocência venha a ser provada perante a justiça.

Desde 2002, ano da criação do Gabinete do Alto Representante da Comunidade Internacional, responsável pelo supervisionamento e concretização dos acordos de paz de Dayton, Dragan Covic é já o terceiro elemento da presidência da Bósnia a ser demitido por pressão da comunidade internacional.

Annan propõe reformas na ONU

O alargamento do Conselho de Segurança e novas medidas na luta contra a pobreza são algumas das iniciativas a tomar

João Campos

O secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, propõe que sejam feitas alterações na estrutura e nas medidas da organização, num projecto a ser discutido na cimeira de Nova Iorque, agendada para 14 a 16 de Setembro.

Estas reformas estão incluídas num documento apresentado pelo secretário-geral no passado dia 21, seis meses antes da reunião. O responsável máximo da organização justifica esta antecedência para que os governos dos países pertencentes à organização tenham tempo para estudar as propostas.

Uma das maiores preocupações nesta iniciativa prende-se com o combate à pobreza. Kofi Annan considera que os actuais níveis têm influência na prática de actos terroristas, pelo que constituem

uma ameaça à segurança. Desta forma, o secretário-geral do organismo pretende que os Estados-membros cumpram os "Objectivos de Desenvolvimento do Milénio", aprovados no ano 2000, e que prevêm o combate à pobreza e à iliteracia, bem como a defesa dos direitos humanos, igualdade de género e protecção do ambiente.

A nível estrutural, Kofi Annan propõe o alargamento do Conselho de Segurança da organização, passando este de 15 para 24 membros. Alemanha, Japão, Brasil e Índia são países referidos para integrar este grupo, assim como a África do Sul, Nigéria e Egito.

O secretário-geral propõe ainda a criação de uma comissão para a construção da paz, centrada na resolução de conflitos, bem como a reformulação da Comissão dos Direitos Humanos, tornando esta num conselho, uma estrutura mais restrita e directamente eleita pela Assembleia Geral. A violação dos Direitos Humanos por qualquer país membro inviabiliza que este tenha assento neste organismo.

Esta proposta de reformas de Kofi Annan é vista como a mais arrojada desde a criação da ONU, em 1945.

Estórias que o metro não destrói...

Depois de anos de dedicação, o metro faz desabar os edifícios onde centenas de pessoas permaneceram quase uma vida. São locais por onde passaram gerações de estudantes, marcas de uma Baixa que muda agora de rosto. Há quem sinta indignação, outros estão resignados às alterações que parecem inevitáveis. Alheias às vozes exteriores, as obras prosseguem. A CABRA foi em busca das memórias junto daqueles que as viveram

Por Ana Bela Ferreira e Diana do Mar e Rui Velindro (fotografia)



Metro Mondego assinala os espaços a demolir

Para a construção do canal do traçado urbano do metro, a Metro Mondego (MM) prevê demolir 42 parcelas entre a Avenida Aeminium e a Rua da Sofia. Este processo, que tem conhecido alguns avanços e recuos, arrancou este mês em força. Apesar da importância do metro para o desenvolvimento da cidade, a obra pública está longe de reunir consenso entre a população. Por um lado, obriga à expropriação dos edifícios comerciais e à queda no esquecimento de anos de dedicação e, por outro, a obra pública assume-se como uma construção que vai alterar profundamente o rosto da “velhinha e histórica” Baixa da cidade de Coimbra.

A maior parte dos edifícios que vão ser demolidos abarca toda uma panóplia de histórias, fruto de uma existência centenária. A zona da Rua da Sofia vai ser uma das áreas mais afectadas, uma vez que nesta vão ter lugar as demolições da loja Joanhina, da Óptica Azevedo, da farmácia Luciano e Matos, do restaurante Democrática e da pastelaria Palmeira. Já na Rua Direita, o restaurante O Silva, o Barca Serrana, o Primavera e a pastelaria San Remo vão sofrer o mesmo destino. Destes locais alvo da futura acção dos bulldozers, alguns já se encontram encerrados e os que ainda resistem e continuam abertos expressam o desejo de que isto não passe de um fal-

so alarme para que possam regressar à sua rotina.

Para o presidente do conselho de administração da pastelaria Palmeira, Manuel Quintaneiro, a notícia da demolição chegou “de uma forma bastante fria”, na medida em que as palavras da Metro Mondego foram: “Isto vai ser demolido, os senhores procurem outro local”, relembra. No entanto, o responsável pela pastelaria explica que a Sociedade Metro Mondego lhe propôs uma contrapartida financeira, mas este prefere “a continuidade da empresa” e pede instalações dentro da mesma zona (“mais metro, menos metro”) devido à tradição da casa.

Numa tentativa de assegurar a subsistência dos empregados deste espaço, Manuel Quintaneiro esclarece que ter a pastelaria aberta é a única solução viável e garante que pretende “lutar com todas as forças para que esta estrutura não seja destruída”. Contudo, o responsável reconhece as dificuldades e não esquece que não se pode pôr à frente das máquinas.

Uma vez que as demolições para criar o canal do traçado urbano do metropolitano ligeiro de superfície já começaram, a primeira loja a encerrar portas foi a Óptica Azevedo. O proprietário, Ernesto Sarmento, considera que até não se saiu muito mal porque “pagaram muito bem pelo espaço”. Para o proprietário da

óptica, “o metro é muito importante para a cidade de Coimbra” e, podemos mesmo encarar-lo como “uma medida de salvação para a Baixa”, acrescenta.

O facto de existir um projecto de recuperação da Baixa da cidade conduz Ernesto Sarmento a lançar o apelo para que as pessoas compreendam o peso desta “iniciativa excelente”. Não obstante, o proprietário explica o tipo de afinidade que mantém com o espaço, uma vez que

o seu pai trabalhou lá uma vida inteira e havia “um ‘feeling’ muito especial pela loja e pela carteira de clientes”.

A problemática de reconfiguração urbana da Baixa suspensa há cerca de sete anos parece agora levar um rumo. No entanto, os comerciantes temem pela incerteza do concurso, na medida em que a Metro Mondego não delimitou um projecto de intervenção urbana. Desta feita, os proprietários dos edifícios que a

MM pretende deitar por terra receiam que, depois de serem obrigados a sair, o processo não siga em frente, o que significa que todo este sobressalto teria sido em vão.

A Óptica Azevedo, perante esta situação, foi transferida provisoriamente para outro sítio, onde continua a servir os seus clientes, até que o metro e as obras estejam completas, porque considera esta “opção uma alternativa”. Ernesto Sarmento possui duas lojas (a nº1 e a nº3) sen-

Apelo ao “bom senso”

As demolições na Baixa para a passagem do eléctrico rápido estão a avançar, ainda que esta seja uma medida longe de ser aclamada por todos. De facto, estas serão a face mais visível de todo o projecto ainda longe de estar sobre carris.

Este processo continua a suscitar dúvidas, dado que as desconstruções tiveram início sem um projecto de intervenção urbana e um plano da Metro Mondego (MM).

No entanto, já foram tomadas algumas medidas pelas entidades envolvidas, nomeadamente a câmara municipal. A realização de uma conferência internacional sobre a recuperação e renovação urbana e social da Baixa da cidade, um estudo encomendado à Universidade de Coimbra para a caracterização da zona, a criação da Sociedade de Reabilitação Urbana e a constituição da Comissão Interdisciplinar da Baixa são exemplos disso.

Por enquanto, aos comerciantes que vão perder os seus negócios devido às demolições, que começaram a 18 de Março, resta aguardar “que haja bom senso”

por parte dos responsáveis.

Os proprietários dos espaços comerciais a demolir não conseguem, contudo, esconder a preocupação com os seus funcionários e, por exemplo, Ernesto Sacramento, proprietário da Óptica Azevedo, é peremptório ao afirmar que a Metro Mondego “não está preocupada com a ansiedade” que esta situação provoca nas pessoas que por aqui trabalham.

O mesmo lembra ainda que, ao serem expropriados, os proprietários não têm o dever de pagar indemnizações aos funcionários, uma situação que, de qualquer forma, é inviável porque as compensações que a MM oferece “não são suficientes para abarcar todas estas necessidades” frisa.

Do mesmo modo, António Pereira, vice-presidente do Conselho de Administração da Pastelaria Palmeira (trabalhador da casa desde a década de 50) questiona-se sobre “a existência de possíveis interesses subjacentes”, na medida em que o espaço que a pastelaria ocupa não é destinado à passagem do metropolitano, mas vai antes servir uma nova área comercial.

do que apenas cedeu a nº3.

Com o arrastar do processo, a Câmara Municipal de Coimbra tem bloqueado toda a possibilidade de fazer obras ou de renovar os espaços comerciais nesta zona da Baixa, um aspecto que resulta da problemática da expropriação pública, que a Constituição consagra como uma acção justa. Mas, segundo o proprietário da óptica, “normalmente as coisas não funcionam assim”, ou seja, no processo de expropriação “as propostas que se fazem são sempre baixas, injustas e incorrectas”.

Indefinição no trajecto dos carris vs. futuro do negócio

Ernesto Sarmento colocou um papel na porta, que elucida os clientes sobre a provisória localização da loja e o motivo que conduziu à mudança. O proprietário explica que a Óptica Azevedo está actualmente “numa situação em que não tem gastos, nem tem proveitos”, porque “a firma não tem ainda um espaço aberto ao público”.

Neste compasso de espera, enquanto a Sociedade Metro Mondego não delimita os espaços-alvo com precisão, Ernesto Sarmento afirma que não sabe o que vai fazer. Confessa ainda que a sua ideia inicial era ocupar um espaço provisório, pensando depois voltar à loja nº1, mas frisa que “as verbas que se têm de destinar para um investimento provisório e para um investimento definitivo não são as mesmas”. Desde essa decisão o proprietário teve conhecimento pelos jornais de que a sua loja nº1 também vai abaixo, porque a loja Joaninha segue o mesmo processo, algo que inicialmente não estava previsto.

Para não cometer erros, a óptica optou por aguardar, mas Ernesto Sarmento sublinha que “a possibilidade de sair da rua ia ser problemática”. Mesmo que a óptica encontrasse um lugar para ficar este “não seria acessível apenas através do dinheiro que a MM disponibilizou”. Estas verbas são “insuficientes para dar continuidade a uma empresa numa destas ruas onde se praticam os preços de Hollywood” lamenta o proprietário.

Em relação à Metro Mondego propriamente dita, Ernesto Sarmento acredita que esta entidade está a “desenvolver a um projecto interessante”, mas “conduz as expropriações de forma abusiva”. O proprietário da loja salienta ainda que não quer liquidar a firma, devido à expropriação, e deixa uma mensagem para a MM, onde reforça que esta “se devia preocupar mais com estas questões e pensar um pouco nas pessoas e nas famílias”.

A medida que se avança pelas estruturas que se vão perder, as histórias e recordações daqueles que a elas dedicaram a vida desabam num tom emocionado e desgostoso. A

Democrática, por exemplo, ainda guarda nas paredes e nos recantos de toda a casa, as memórias de estudantes desejosos de crescer com vontade de vingar. O proprietário deste restaurante, Nelson Silva, explica que não há maior satisfação do que “ver um estudante que anda na universidade, formar-se e depois vê-lo com a mulher e filhos regressar ao local onde passou a sua vida académica”.

Segundo Nelson Silva “deitar a Democrática abaixo é matar a história, que demorou séculos a construir” e adianta que se a sua casa for destruída pelos carris da Metro Mondego não pretende abrir noutro local, uma vez que “a Democrática só faz sentido aqui” devido à tradição, às histórias e às recordações que aqui se cimentaram.

O proprietário do restaurante chama a atenção para a vertente cultural e política desta casa que já serve há mais de um século e onde se fazem lançamentos de alguns livros. E não tem dúvidas: “Apagar assim a história é um crime”. Nelson Silva sublinha o facto de os clientes mais velhos pedirem para se sentarem em determinadas mesas para “recordar o tempo de rebeldia estudantil”. O proprietário confidenciou ainda que quando recebeu a notícia, pediu para um dos membros da MM repetir, porque “não conseguia acreditar”.

Por outro lado, a proprietária da loja Joaninha, Maria do Carmo Monteiro, foi enviada uma carta a dizer: “Vai ser expropriado com carácter urgente para fins de utilidade pública e a vossa indemnização é x” recorda, ainda revoltada. No entanto, Maria do Carmo estava a contar inicialmente com a demolição de uma pequena parte da loja, (porque sempre lhe tinham dito que o túnel ia para a frente) mas actualmente está previsto que a “Joaninha” seja destruída na íntegra.

“É indecente”

Ao debruçar-se sobre toda a situação, Maria do Carmo afirma que “não vale a pena chorar sobre o leite derramado” e aponta o dedo aos políticos que “nunca se preocuparam com a degradação dos prédios ou com o viver das pessoas da Baixa”. A proprietária interroga-se ainda sobre a causa da destruição de tantos postos de trabalho, se “nos sítios circundantes à linha vão ser criadas lojas que depois se vão vender” sem opção para os actuais ocupantes desta área.

Para Maria do Carmo Monteiro, a resposta prende-se com a especulação que vai girar em torno dessas negociações, pois acredita que “a Sociedade Metro Mondego vai expropriar a preços centenários e vender a preços actuais”, o que “é indecente” sublinha.

Para além disso, os funcionários da loja de brinquedos têm todos



Rosto da Baixa vai ser transformada ao fim de décadas de história

mais de 50 anos, logo, “são muito velhos para arranjar emprego, sem cursos qualificados e muito novos para ir para a reforma”. A responsável salienta ainda que “deveria ter sido feito um estudo sobre as despesas das lojas, o produto, as obras e todo o funcionamento, para que se pudessem fazer cálculos acertados e negociar”. Maria do Carmo vai mais longe e explica que “isto não é mais do que uma esmola” e que “a MM está a dar um osso sem tutano nenhum”.

Assim sendo, a vendedora é obrigada a deslocar-se a outros locais para poder proceder ao escoamento dos produtos e, por outro lado, o valor pago pelas expropriações “não chega para indemnizar pessoas com tantos anos de casa”. Maria do Carmo não tem dúvidas: “Eles chegam e destroem tudo”, não percebe “a necessidade de escavar esta zona histórica” e nem se atreve a imaginar “como é que aquela zona vai ficar”. Os políticos, na visão da vendedora, “só se preocupam com

obras faustosas” enquanto que “as pequenas realidades não estão a ser vividas”.

No que concerne a pequenas realidades, o proprietário de O Silva, Armando Silva, refere que desde há cerca de 20 anos que tudo na sua vida é programado em função do restaurante e que esta é a sua realidade. Armando Silva considera que “o facto de possuir uma carteira de clientes habituais muito grande, revela o tipo de filosofia da casa e o tipo de atendimento”. Na altura em que recebeu a notícia, o proprietário relembra que ficou chocado e explica que ainda não acredita que o seu espaço vai mesmo fechar.

No entanto, também tem a noção de que há muitas casas a ruírem ali por perto e, portanto, é importante compor aquela área. Por amor aos anos de trabalho, Armando Silva não descarta a hipótese de ficar noutro lado, uma vez que os clientes estão a pressioná-lo para tal. Se realmente arranjar outro espaço, Armando Silva promete não esque-

cer os estudantes que “tanta vida trouxeram” àquela casa e, também o facto deste restaurante ficar para sempre ligado à educação dos seus filhos.

A emoção sempre presente em cada discurso pela defesa de um projecto de vida e pela preservação de um pedacinho da história da cidade, por vezes tolda o pensamento de quem tem algo a dizer sobre este processo. Este foi o caso da proprietária do restaurante Barca Serrana, a quem a emoção e a angústia cortaram as palavras. Num discurso breve, a proprietária não deixou de esboçar um sorriso ao recordar os muitos anos vividos entre aquelas paredes, mas este deu lugar a uma tristeza que lhe embargava a voz ao ter bem presente que esse tempo está já em contagem decrescente.

Há ainda aqueles que, talvez, por não quererem ver os seus espaços cair por terra, já fecharam as suas portas e ostentam na fachada a marca de quem os conduziu a esta espécie de fuga.

Pastelaria Palmeira

Fundada em 1936 pelo tio de um dos actuais sócios, a pastelaria Palmeira é uma das mais conhecidas da cidade. Por aqui passaram várias gerações de estudantes, que tornaram a Palmeira numa casa tradicional da vida académica. A existência de uma pastelaria na Praça 8 de Maio foi a responsável pelo nome da pastelaria situada no nº 5 da Rua da Sofia.

Óptica Azevedo

Edificada no ano de 1918, a Óptica Azevedo foi a primeira de Coimbra e pertenceu, nos primeiros tempos, a um sacristão da Igreja Santa Cruz que, depois de receber a herança de um padre, resolveu aplicá-la na abertura da óptica. Foi uma personalidade importante na cidade e deixou a loja ao pai do actual proprietário que, depois, passou o testemunho ao filho.

Restaurante Democrática

Depois de ter sido um estaleiro dos correios, o restaurante, que já conta com 126 anos de existência, começou por se chamar “José da Silva”.

O nome Democrática surge na década de 50, pelo facto de os revolucionários se encontrarem nesta casa e a usarem como esconderijo para definirem a suas posições e planejar estratégias para a luta pela democracia.

Restaurante O Silva

Aberta há 18 anos a casa O Silva surge como a reinterpretação do nome de família, naquele que é, um negócio com essa dimensão. Mais do que um restaurante, esta estrutura encerra-se como a segunda casa do proprietário, na medida em que este restaurante estará para sempre ligado à educação dos seus filhos que por aí cresceram enquanto os pais trabalhavam.

Loja Joaninha

A loja, que hoje conhecemos como a Joaninha tem as suas portas abertas há mais de 20 anos.

Esta loja já pertenceu à farmácia que se situa ao lado e, na altura, era designada por “Drogaria Luciano e Matos”. Posteriormente, a nova proprietária resolveu alterar o nome da casa de brinquedos em homenagem ao seu marido, que se chama João.

12 CIÊNCIA

Faculdade de Ciência e Tecnologia tem novos laboratórios pedagógicos

Investimento foi feito através de parceria com o BPI

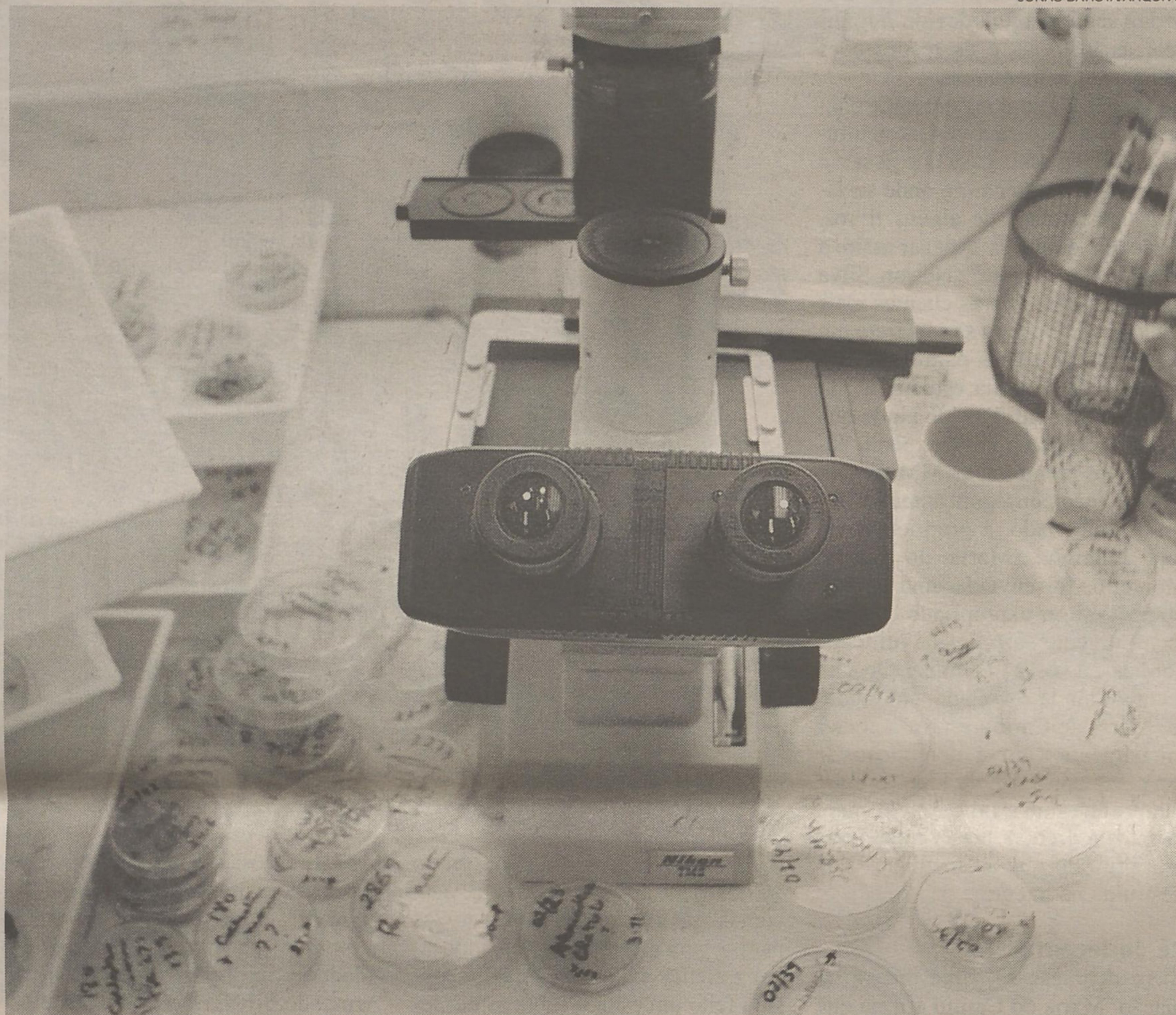
As novas estruturas foram seleccionadas através de concurso interno e financiadas no âmbito de um protocolo anual entre a faculdade e o BPI. Não está excluída a hipótese de uma iniciativa semelhante para o próximo ano

João Pereira

A Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC) conta com três novos laboratórios. As propostas para os laboratórios de Engenharia Biomédica, Zoologia e Higrotérmica, no departamento de Engenharia Civil, venceram um concurso interno da faculdade, para o qual se apresentaram 16 candidaturas. As estruturas foram inauguradas no dia 17 e financiadas pelo Banco Português de Investimento (BPI), no âmbito de um protocolo com FCTUC.

Todos os anos, o BPI atribui um montante à FCTUC para actividades de natureza pedagógica e científica. Com este dinheiro, a faculdade atribui anualmente um prémio ao melhor aluno de cada licenciatura e leva a cabo actividades como a Feira do Livro Técnico e vários congressos.

Os novos laboratórios (no caso de Zoologia trata-se da modernização de um laboratório já existente) possuem uma forte vertente pedagógica. O presidente do Conselho Directivo da FCTUC, Lélío Quaresma Lobo, explica que um dos critérios do júri do concurso era o



Novos equipamentos destinam-se sobretudo a permitir aos alunos um contacto prático com a matéria das disciplinas

número de alunos que cada laboratório beneficiava.

Assim, o laboratório de Engenharia Biomédica (tendo começado no ano lectivo de 2002/2003, este é um dos cursos mais recentes da universidade) destina-se essencialmente a aulas práticas de disciplinas como "Biomecânica", "Fundamentos Fisiológicos" ou "Instrumentação Médica", devendo funcionar com turmas de 12 a 18

alunos. O laboratório está instalado no departamento de Física, que é responsável pela ligação à rede informática, e permite a execução de cerca de 50 experiências em seis áreas diferentes: função cardiovascular, sinais e sistemas fisiológicos, função pulmonar, neurofisiologia, função muscular e fisiologia do exercício. De acordo com o texto da candidatura, a estrutura deverá também servir "para a divulgação

do curso, do departamento e da faculdade, in loco ou em escolas básicas e secundárias, feiras de ensino e emprego".

Já o laboratório de Higrotérmica, instalado no Pólo II, vai permitir a caracterização de condições ambientais (através de registos meteorológicos) e a realização de ensaios experimentais ao nível do estudo da transferência de calor e humidade no interior de materiais e ele-

mentos de construção. Trata-se de uma área abordada nas licenciaturas de Engenharia Civil, Engenharia Ambiente e Arquitectura e no mestrado de Ciências da Construção. O objectivo é que "os alunos fiquem mais motivados para estas matérias e adquiram um conhecimento mais profundo com reflexos óbvios para o seu desempenho enquanto estudantes e mais tarde no exercício da sua profissão". Contudo, os novos equipamentos possibilitam também a realização de trabalho de investigação científica e prestação de serviços. O conhecimento de propriedades como a durabilidade, a estanquidade e o desempenho térmico dos materiais de construção e das condições atmosféricas a que irão estar sujeitos é essencial na determinação dos materiais de revestimento dos edifícios.

Por seu lado, o objectivo do departamento de Zoologia era remodelar um laboratório existente, dotando-o dos meios "adequados à realização de aulas práticas". As novas infra-estruturas e equipamentos vão servir disciplinas do curso de Biologia e ainda disciplinas oferecidas por este departamento a outras licenciaturas, como Engenharia Biomédica, Geologia, Antropologia e Bioquímica.

A aquisição dos equipamentos representa um custo total de cerca de 198 mil euros: cerca de 50 mil para o laboratório de Engenharia Biomédica, 65 mil para Zoologia e o restante para o laboratório de Higrotérmica. Para já, ainda não é certa a realização de um concurso nos mesmos moldes durante o próximo ano lectivo. Quaresma Lobo adiantou, contudo, que "poderá haver repetição" e sublinhou que "o banco mostrou-se interessado" numa nova edição.

Computação em debate

Engenheiros, docentes e investigadores juntam-se em encontro que procura divulgar e discutir as novas Tecnologias de Informação. O evento conta com a presença representantes de algumas das principais empresas da área, de professores e investigadores

A nona edição do Encontro de Gestão e Tecnologias de Informação (EGTI) decorre amanhã no Auditório da Reitoria.

Este ano subordinado ao tema "Social Computing: Gestão no Limiar da Mudança", o evento pretende debater as tecnologias desta área e a sua importância

para a gestão das organizações.

O programa do EGTI integra três painéis. "Ferramentas para Outsourcing" conta com representantes das companhias Fujitsu, IBM e HP, entre outras. Já "Gestão Social do Conhecimento" conta com elementos da Microsoft e da BookMarc. Por fim, no painel "Computação Ubíqua", Joaquim Armando Jorge, professor na Universidade Técnica de Lisboa, Renato Nunes, do Instituto Superior Técnico e Ivan Franco, director de investigação da companhia YDreams discutem o potencial das Tecnologias de Informação na área da interacção com as infra-estruturas e da computação descentralizada.

A terminar, o EGTI inclui um debate sobre "e-learning" e "e-teaching". O objectivo é abordar a perspectiva dos professores e dos alunos, bem como a questão da fronteira entre um repositório de informação online e um sistema de "e-learning".

CONIMBRIGA

Cursos de CABELEIREIRA/O

- Auxiliar (1000)
- Praticante (400)
- Oficial (600)

Cursos de ESTETICISMO

- Esteticista (1400)
- Manicure-Esteticista (1100)
- Manicure-Pedicure (1400)

Cursos Reconhecidos pelo IEFP e Acreditados pelo ICF

INSTALAÇÕES NA UNIVERSIDADE VASCO DA GAMA

808 202 443
969 841 033

Um futuro em beleza!!

DESPORTO 13

Briosa foge aos últimos lugares

Académica vence o Estoril por 1-0 e soma a sétima partida consecutiva sem perder

Num jogo de fraco nível, um golo de Zé Castro deu uma importante vitória aos "capas negras", frente a um adversário directo

João Campos
Rui Simões

A Académica recebeu o Estoril no domingo à tarde, em jogo da 27ª jornada da Superliga. Nelo Vingada apresentou como principal novidade no onze o regresso de Hugo Leal, recuperado de lesão.

Os "estudantes" entraram bem na partida e, aos seis minutos, Marcel ganha um canto. Na cobrança do lance, Hugo Leal centra para Zé Castro cabecear para o fundo das redes de Yannick. Estava inaugurado o marcador.

No primeiro quarto de hora, a Académica mantém o ímpeto inicial e o Estoril só assusta num remate de Arrieta, que passa a rasar o poste. A partir daqui, o encontro entra numa toada mais morna, sem grandes ocasiões de golo. Até ao intervalo há apenas a registar um livre de João Pedro por cima e uma substituição na formação estorilista, com a troca de Hugo Santos por Moses.

Após o descanso, Litos arriscou mais, colocando o atacante Fellahi no lugar do defesa Torres. Dois minutos depois, o recém-entrado jogador cria perigo, num remate por cima.

A Briosa reage, e aos 52 minutos, depois de uma boa combinação entre Dário e Marcel, este último não chega ao cruzamento do moçambicano. No minuto seguinte, o perigo chega à outra área, com Moses a cabecear ligeiramente ao lado. Este período de maior emoção culmina aos 57 minutos, com Luciano, lançado por Marcel, a rematar ao lado do poste esquerdo da baliza de Yannick. Esta foi a última intervenção do bra-



Num jogo com fraca qualidade, a Académica somou o sétimo jogo sem derrotas e conseguiu fugir aos lugares de despromoção

sileiro, substituído logo de seguida por Kenedy.

O Estoril volta a assustar e cria duas ocasiões de perigo. Primeiro, num remate cruzado de Arrieta que Pedro Roma defende, e logo a seguir num "tiro" de longe de Elias, a passar muito perto do poste.

O minuto 68 traz mais duas substituições: os "canarinhos" esgotam as suas opções, com a troca de Arrieta por Cissé e a Briosa tira Hugo Leal para colocar o defesa Danilo. A toada de jogo não se altera, com o Estoril a procurar o empate, mas sem grandes situações. Excepção feita para dois remates, um de Pinheiro e outro de Moses, que passaram perto do poste das redes de Pedro Roma. Aos 80 minutos, e após um grande lançamento de Roberto Brum, Marcel perde a oportunidade de "matar" o jogo, ao rematar por cima um centro de Dário.

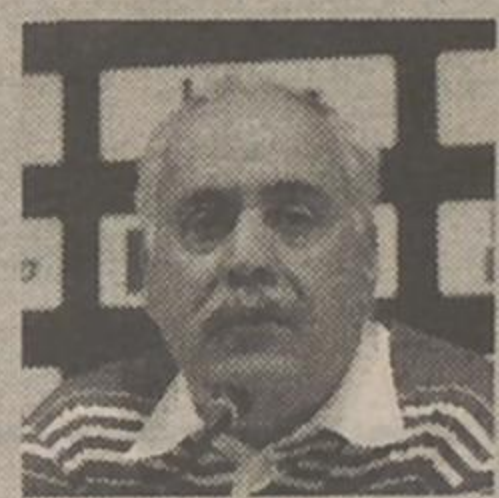
A Académica continua a defesa estóica do resultado, colocando An-

drade para o lugar do lesionado Paulo Adriano. Até final nota para uma saída de Pedro Roma aos pés de Cissé e uma iniciativa de Nuno Luís que Marcel não consegue concluir.

Com este jogo, o sétimo consecu-

tivo sem perder, a Académica sai dos lugares de despromoção, somando agora 28 pontos. A luta pela manutenção prossegue na próxima segunda-feira, no Estádio do Restelo ante o Belenenses.

Nas cabines...



Nelo Vingada,
treinador da
Académica:

"O mais importante foram os três pontos e a vitória ante um adversário directo."

"Não foi um bom jogo, mas jogámos bem no plano defensivo"

"Os jogadores foram inextinguíveis em termos de luta, entrega e profissionalismo"

"O Estoril-Praia lutou, mas também não teve grandes oportunidades"



Litos,
treinador do
Estoril-Praia:

"Os meus jogadores estão de parabéns pelo que fizeram."

"A estratégia passava por tentar tranquilizar a Académica e contra-atacar"

"Conseguimos criar algumas dificuldades à Académica"

"Se tivéssemos chegado ao golo do empate, penso que conseguiríamos a vitória"

Futsal vence em casa

A Académica derrotou a Gafanha por 3-2 e mantém-se na luta pela subida

João Campos
Diana do Mar

No passado sábado, em jogo a contar para a 21ª jornada do campeonato da 2ª divisão, série A, a Briosa recebeu a formação da Gafanha. Francisco Batista fez alinhar de início Gouveia, Zito, Moreira, Batalha e Luisinho.

A iniciativa de jogo pertenceu à

Gafanha, com Sérgio, aos três minutos, a inaugurar o marcador. O primeiro remate academista surgiu por Luisinho, ao lado. De seguida, Zito acabou por igualar a partida, a passe de Batalha. A partir daqui, o jogo tornou-se mais disputado. Aos nove minutos, André Matos e João Filipe tentam bater Paulo Cruz, e Luís ripostou, com dois remates que Gouveia defendeu. A dois minutos do intervalo, a equipa visitante voltou à vantagem, num livre directo de Joca.

Na segunda parte, a Académica entrou mais ofensiva e dispôs de um livre, que Moreira desperdiçou. No entanto, a desconcentração da equipa manteve-se e um mau passe de

Gouveia provocou alguns apuros na área academista.

A Académica não conseguiu avançar no terreno e Moreira optou por um remate de longe, sem sucesso. Aos nove minutos, a Briosa chegou ao empate por Tiago Teixeira, assistido por Luisinho.

A igualdade trouxe mais ânimo à equipa e, numa combinação entre Pichel e Tiago Teixeira, este último obrigou Paulo Cruz a grande defesa. Tiago Teixeira acabou mesmo por marcar dois minutos depois, ao desviar um passe de João Filipe. Era o 3-2 para a Académica.

A partir daqui a Briosa toma a iniciativa de jogo, mas falha na finali-

zação. Zito e João Filipe perdem oportunidades de ampliar a vantagem. A Gafanha responde, mas Rik interceptou o remate de Sérgio.

O minuto 15 trouxe emoção à partida, com três ocasiões de golo. Primeiro, Rik obriga Paulo Cruz a aplicar-se, depois Zito testa a defesa adversária. De seguida Luís, de baliza aberta, acerta no poste esquerdo da baliza de Gouveia.

Nos últimos minutos, a Gafanha tentou igualar o marcador e criou perigo através de Sérgio e Joca. Os visitantes trocam o guarda-redes por um jogador de campo e Adão falha o desvio à boca da baliza. No fim, Gouveia segura a vitória.

Orabolos!

António Gil Leitão

Opinião

Justiça com nível

"Expressões curiosas é algo que o futebol tem de sobra"

É fatal como o destino: quando os resultados desportivos fogem da normalidade existem logo teorias para todos os gostos, tentando explicar o que por vezes não tem explicação.

Das mais simplistas às mais complexas, de tudo vemos, ouvimos e lemos. Se há quem diga que isto está assim porque o campeonato está "nivelado por baixo", outros garantem que pelo contrário ele está "nivelado por cima". Conceitos curiosos, no mínimo.

Ficamos muitas vezes sem perceber se existe algum fio de prumo que possa garantir que "a coisa" está mesmo direita e se a "niveleção" de facto ocorre, mas seja por cima ou por baixo, parece que é ponto assente que este campeonato tem nível.

Mas então que dizer das associações de ideias, quase automáticas, às graças de uns e às desgraças de outros?

O Porto não ganha em casa? Claro! Com o "apito dourado", como podia ganhar?

O Benfica vai à frente? Claro! Tem a Liga e a Arbitragem no bolso!

Haja ou não coincidências nestas matérias, a verdade porém é que o poder parece ter-se transferido da posse de uns para outros - e disso mesmo se gabou o presidente do Benfica, quando confrontado com as muitas promessas e poucos resultados nas contratações, garantiu a pés juntos que as tinha feito. Nas eleições para a Liga...

Mas expressões curiosas é algo que o futebol tem de sobra.

Uma delas é usada e abusada pela imprensa desportiva: "justiça salomónica".

Assim é quando um árbitro, que na maioria dos casos não viu o que se passou, mas sente que se passou alguma coisa, mostra cartões a elementos das duas equipas por igual. E, claro está, na maioria das vezes não faz justiça nenhuma.

Mas para os analistas, a maioria das vezes, está correcto porque aplicou uma "justiça salomónica".

Ora, acontece que Salomão, segundo reza a lenda, fez mesmo justiça e daí a expressão que ficou para a história. Esta, a "salomónica", de justiça tem apenas o nome.

E por falar em justiça, voltemos ao "apito dourado": se neste processo há mais testemunhas que arguidos e as testemunhas são intituladas de especialistas, uma dúvida assalta-me: se ele tem como objecto a corrupção no futebol português, então a conclusão lógica a tirar é que especialistas em corrupção no futebol, em Portugal, há para dar e vender. Surpreendente?

Andebol luta pela subida de divisão

Paulo Barreto comenta campanha do andebol da Académica, numa época que pode marcar a segunda subida de divisão consecutiva

Ana Bela Ferreira
Rui Simões

A equipa de andebol da Académica iniciou no sábado a participação na segunda fase do Campeonato Nacional da 2ª divisão, recebendo e perdendo em casa com o G.M. Progresso.

Esta foi a primeira das 14 jornadas da última fase do campeonato, que é disputada pela Académica e por Avanca, Benavente, Callidas Clube, C.D. Marienses, Portomonsense, G.M. Progresso e São Paio Oleiros. Os quatro primeiros classificados sobem à primeira divisão.

A Brios, agora sob o comando de Paulo Barreto, volta assim a estar na luta pela subida de escalão, depois de na época passada ter alcançado uma subida, no caso à zona centro da 2ª Divisão.

Na opinião de Paulo Barreto esta é uma situação "natural devido à manutenção da maioria dos elementos da equipa nestas duas épocas". De salientar, também, que são várias as equipas que acompanharam a Académica na subida e se encontram agora na luta pela subida. O orientador da equipa frisa, no entanto, que "a Brios é a única equipa totalmente amadora", na qual os jogadores não são remunerados.

Embora admitindo que o resultado da época passada podia ter sido melhor (a Académica ficou no quarto lugar do apuramento de



Paulo Barreto acredita na subida de divisão, mas reconhece a inexperience dos seus jogadores

campeão), Paulo Barreto, em jeito de balanço, classifica a prestação da equipa como "um claro sucesso".

Barreto não esquece o trabalho realizado pela equipa ao longo das épocas em que o professor Poiares liderou a equipa técnica. O técnico considera que o trabalho lhe foi facilitado pelo facto de "poder dar continuidade" ao anterior projecto. Ainda assim, o estilo de orientação entre os dois é, segundo Paulo Barreto, "algo diferente", pois este diz-se "mais autoritário".

A equipa de andebol da Académica é constituída, na sua maioria,

por estudantes universitários, algo que "dificulta muito o trabalho diário, especialmente em termos táticos" explica o treinador. Este não é, apesar de tudo, "um problema novo". Recordando anos anteriores, Barreto teme que a época da Queima das Fitas seja a pior fase do ano, em termos de desempenho dos jogadores, até porque esta coincide com duas partidas da equipa para a segunda fase do campeonato.

Os objectivos para esta fase passam pela garantia da subida. Pese embora o objectivo no início da época fosse apenas a manutenção,

Paulo Barreto acredita nos seus jogadores e garante que "estes têm capacidade para subir de divisão".

Contudo, o treinador academista lembra que a equipa é jovem e algo inexperiente, e que esse poderá ser um factor chave contra adversários que têm muitos mais anos de prática da modalidade. Ainda assim, assevera que se a Brios conseguisse vencer as sete partidas realizadas em casa, a subida dificilmente lhe escaparia. Perante a possibilidade da subida, Barreto não esconde que "não havendo reforços para o próximo ano, seria difícil manter a equipa na 1ª Divi-

são".

Barreto conclui frisando: "Se os jogadores quiserem chegamos lá" pois diz ter "excelentes jogadores, principalmente ao nível técnico-tático". O treinador dos "estudantes" lamenta apenas o "fraco" apoio que os conimbricenses dão ao andebol da Brios, dizendo que "Coimbra gosta de ver as coisas feitas, mas não gosta de ter que as fazer".

Quanto a objectivos pessoais futuros, o sucessor de Horácio Poiares confessa que dificilmente deixará Coimbra para dar o salto – só com uma oferta muito boa, organizada e muito atractiva financeiramente – devido ao facto de já não se ver a trabalhar noutra clube da cidade. Assim, este considera a sua "maior ambição" colocar a Académica a jogar num nível competitivo superior.

Perfil

Paulo Barreto, 46 anos, fez carreira enquanto jogador de andebol no Liceu Camões e no CDUL. Já enquanto treinador orientou as camadas jovens do CDUL, e depois rumou a Coimbra, onde treinou o Serpinense (por uma época) e Académica (durante três meses). Seguidamente, fomentou e orientou durante 12 anos a prática do andebol na Escola Secundária Quinta das Flores, que criou então uma equipa federada. Na época 2003/2004 rumou à Académica. Aí coadjuva Horácio Poiares na orientação da equipa principal e sucede-lhe como treinador no início de 2004/2005. Paulo Barreto foi ainda treinador dos escalões jovens da Associação de Andebol de Coimbra e prospector regional da federação.

Basquetebol vence Sangalhos

Académica vence por 77-74, no prolongamento, num jogo decidido por detalhes. Atingir os "playoff" ainda é possível

Bruno Vicente

No domingo a Académica recebeu, no pavilhão Engenheiro Jorge Anjinho, o Sangalhos. O recinto academista recebeu um público considerável dada a aproximação geográfica das equipas, mas outras causas esti-

veram por trás desse facto. Se por um lado a Académica esperava comprovar o seu crescendo de forma, (quatro vitórias nos últimos cinco encontros), e manter viva a chama dos "playoff", o Sangalhos procurava a vitória, que garantiria o primeiro lugar da Proliga.

Os "estudantes" entraram em campo com Hugo Loureiro, Zane Gilliard, Alexandre Pinto, Fernando Sousa e Eduardo Santos. Com este cinco inicial a Académica entrou fulgurante na partida e propocionou diversas jogadas colectivas que culminaram frequentemente em cesto. Por outro lado, o Sangalhos revelou, ao longo de toda a partida, uma dependência crónica do seu poste norte-americano, Jason Robinson, que fac-

turou 31 pontos.

Assim, a Académica foi para o intervalo com uma margem de manobra de treze pontos, vencendo por 43-30.

Na segunda parte, os "estudantes" chegaram mesmo a liderar com 17 pontos de vantagem, 52-35, vantagem para a qual contribuíram essencialmente as jogadas de bom entendimento entre Fernando Sousa (26 pontos e 11 ressaltos), Zane Gilliard (23 pontos) e Hugo Loureiro (19 pontos).

O que os adeptos academistas não esperavam foi o que sucedeu nos minutos seguintes, algo raro no basquetebol. Os "estudantes", a vencer por 57-46, estiveram mais de oito minutos sem marcar qualquer cesto, sofrendo nessa altura um parcial de 18-

0. Quando a Académica voltou a marcar, já perdia por 59-63. Mais tarde, João Jaime Moutinho, treinador academista, explicaria que essa fase se deveu a "uma oscilação geral da equipa, devido a algumas faltas e a algumas substituições".

Com dois minutos para jogar, e quatro pontos para recuperar, a equipa da casa foi à procura do resultado. A um lançamento de três pontos de Hugo Loureiro, Zane Gilliard respondeu com mais dois pontos, o que levou o jogo para o prolongamento, 65-65.

Num pavilhão ao rubro, o prolongamento pautou-se por um grande equilíbrio, com a marcha do marcador a avançar de parte a parte. Só porme-

norens em lances como um triplo de Zane Gilliard, a agressividade ofensiva de Hugo Loureiro e uma boa elevação de Fernando Santos por baixo do cesto resolveram o encontro, fixando o resultado em 77-74.

Após o jogo, o treinador academista, João Jaime Moutinho, salientou que esta vitória se deveu ao facto de a Académica "não desistir, seja com quem for e, neste caso, estava uma grande equipa do outro lado".

Este resultado abre a possibilidade de a Académica alcançar os "playoff" caso vença os três jogos que faltam disputar na fase final da Proliga, apesar de as performances dos adversários directos serem preponderantes para as contas academistas.

www.uc.pt/quantunna

III Festival de Tunas Mistas de Coimbra

Oito Badaladas

7 e 8 de Abril

Largo D. Dinis

Quantunna

PUBLICIDADE

Coimbra celebra cinema nacional

Os “Caminhos do Cinema Português” prometem um certame híbrido e dinâmico

Películas, workshops, feiras do livro e actividades com jovens são a imagem de marca da XII edição do evento

Bruno Vicente

O festival “Caminhos do Cinema Português” assume-se cada vez mais como uma espaço de culto na divulgação e projecção de películas de realizadores que falam na língua de Camões. Esta mostra de cinema português, que decorre entre 9 e 17 de Abril, é um evento de periodicidade anual, organizado pelo Centro de Estudos Cinematográficos (CEC) da Associação Académica de Coimbra.

O certame deste ano pretende evoluir através de “uma mostra que contenha todas as dinâmicas dentro da produção portuguesa”, afirma Vítor Ferreira, director do festival. Apesar de o evento ter como palco principal o Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV), outro dos objectivos é apostar numa descentralização desse espa-

ço, “numa tentativa de criar outra dinâmica de abertura, que não a tradicional”, sendo que algumas das actividades terão lugar no mini-auditório Salgado Zenha e no Centro Cultural D. Dinis.

A mostra, que recebe em Coimbra produtores e espectadores de todo o país, enquadra-se num crescimento gradual do projecto, ao ponto de Vítor Ferreira esperar “duplicar o número de espectadores em relação à edição transacta”.

Apesar de os “Caminhos” assentarem em algumas premissas base, tais como a constante aposta na formação e na mostra de cinema de produção nacional, nesta edição procura-se também uma abertura a novas cinematografias europeias.

Estreias e consagrações

A XII edição dos “Caminhos do Cinema Português” aposta na diversidade das películas: umas de realizadores que se estreiam, outras de realizadores experientes e com currículo. Cerca de 60 por cento dos filmes presentes a concurso são primeiras obras, uma vez que a organização dos “Caminhos” procura “dar voz a novos realizadores e produções”, explica Vítor Ferreira.

Nas estreias, o visitante tem a oportunidade de assistir, por exemplo, ao filme “Fuga”, de Marie Carré, uma curta-metragem que retrata o dia de vida de uma adolescente e, em paralelo, a de um artista solitário na busca de uma nova criação musical. Este filme tem a participação de Jorge Palma como intérprete e também na música. Já a “Carta ao Ópio”, de Pedro Duarte, assume-se como um filme que procura dar uma perspectiva sobre a verdade e a mentira, a vida e a morte.

Nos filmes com o cunho de realizadores consagrados, sobressai o contributo de Rui Simões em “Os Meus Espelhos”, uma média-metragem de ficção que aborda a anorexia na adolescência. “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”, também do mesmo produtor, é uma adaptação teatral do livro “Ensaio sobre a Cegueira” de José Saramago, executado pelo grupo de Teatro “O Bando”.

O espectador poderá ainda assistir ao já conhecido “Balas e Bolinhos - O Regresso”, ou apreciar a performance de Marisa Cruz, em “Kiss Me”.

Mas a edição deste ano não se esgota na rotação de filmes portugueses. O filme que dá abertura ao certame, “Lichter” de Hans-Christian Schmid, é alemão e está integrado na secção “Caminhos do Cinema Europeu”.

Este factor contribui para que não



XII edição do festival de cinema português traz ao TAGV estreias de produção nacional

haja um estilo constante no certame. Vítor Ferreira salienta que “procurou uma dinâmica de diferença, de modo a ter numa sessão diária um documentário de cinema, uma animação e uma curta-metragem, por exemplo”. A organização procura deste modo que as sessões sejam sugestivas para diferentes gostos.

Este ano a mostra divide-se por categorias, agrupando-se em secções temáticas. A secção competitiva realiza-se sempre às 18 e 22 horas durante a semana, e também às 15h no fim-de-semana. Estas sessões são pagas, por “imposição do TAGV”, esclarece Vítor Ferreira, que afirma ter negociado um preço acessível, “inferior aos preços comerciais das sessões de cinema”.

A mostra cinematográfica conta também com secções especiais, como a secção de formação, com edições para crianças, ou a secção do dia 13 de Abril, às 18 horas, que está preparada para exibir filmes que revelam de alguma forma preocupações sociais, como “o caso do cidadão deficiente, no filme ‘Cidadão Invisível’, do Paulo Abrantes”, exemplifica Vítor Ferreira.

Já a secção “Videoscape”, terá lugar no mini-auditório Salgado Zenha, e pretende afirmar-se como uma secção experimental, de criação livre, onde se

dá a hipótese a criadores que não encaixem as suas obras no conceito tradicional de cinema.

No que diz respeito ao processo de avaliação dos filmes a concurso, o certame contará com três painéis de júris. O júri oficial, convidado pela organização, vai avaliar os filmes em três categorias principais: “Película”, “Vídeo” e “Televisão”.

Haverá ainda dois júris paralelos. O de imprensa, que escolherá o filme que a comunicação social considerar mais apelativo, e o júri da Federação Internacional de Cineclubes, onde o filme nomeado garante acesso para o Festival Internacional dos Cineclubes, em Itália. Vítor Ferreira salienta que “este júri constitui a hipótese de dar mais um passo na internacionalização do cinema português”.

Actividades simultâneas

Apesar da base do festival de cinema consistir nos filmes a concurso, o certame não se esgota apenas no visionamento das películas. Assim, há outros eventos que os “Caminhos” pretendem explorar.

Neste contexto, juntamente com a iniciativa promovida junto dos mais jovens (ver caixa) outro dos objectivos consiste na realização de cinco workshops.

Os workshops realizam-se entre 11 e 16 de Abril, com os temas: “Som e Imagem”, “Edição Não Linear”, “Animação Tradicional”, “Animação Digital” e “Design de Imagem”.

Entre 10 e 17 de Abril terá lugar, no TAGV, a primeira feira do livro de cinema e do filme português, com vários livros editados e cerca de 400 DVD’s e VHS’s, que vão estar disponíveis para o público de Coimbra, com um desconto que pode chegar aos 40 por cento. “É a hipótese de as pessoas conseguirem algumas preciosidades difíceis de arranjar”, acrescenta Vítor Ferreira.

Alertando para o facto de a Câmara Municipal de Coimbra ainda não ter disponibilizado a verba referente ao festival do ano passado e o ICAM ter reduzido o apoio ao certame, o director dos “Caminhos” chama a atenção para a necessidade de investimento em eventos deste calibre. “A cultura em Portugal é sempre o primeiro sítio onde se corta”, lamenta.

O director do evento considera que “há um estigma nacional, em que as pessoas evitam ver cinema português por preconceito” e espera que a edição deste ano mude essa forma de pensar e que a iniciativa contribua para a divulgação e crescimento da cultura em Portugal.

Apostar na juventude

A edição deste ano dos “Caminhos do Cinema Português” pretende também estimular um público mais jovem, de modo a cativar crianças entre os quatro e onze anos de idade para as produções audiovisuais.

Neste contexto, a organização vai apresentar filmes portugueses de animação e curtas-metragens de ficção preparadas para crianças, mas também filmes estrangeiros.

Assim, durante os dias do certame são esperadas cerca de 2500 crianças, que assistirão a edições especiais para escolas, nos dias 11, 12, 14 e 15 de Abril. Vítor Ferreira adianta que o objectivo é “dar uma hipótese às crianças de começarem a despertar para o audiovisual e para o cinema. Estarão cá produtores dos filmes e actores, que no final das sessões falarão com as crianças, no sentido de as motivarem”.

Para que esta iniciativa, que também se realizou o ano passado, resulte em pleno, os “Caminhos” procuram voluntários que se podem inscrever no CEC, para ajudar na coordenação das crianças.

Bg
BARROS GRÁFICA



Já fazemos parte da tradição!

Plaquetes 2005

Officinas Gráficas
Zona Ind. de Amoreira da Gândara
3780-011 Amoreira da Gândara
Portugal

T +351 231 690 040
F +351 231 690 049
E comercial@barrosgrafica.com
www.barrosgrafica.com

“Sem risco a vida é completamente desinteressante”

João Aguardela e Luís Varatojo, do projecto A Naifa, em discurso directo um dia antes de abrirem o “Festival Santos da Casa”

**João Campos
Rui Simões**

Eles são Luís Varatojo, João Aguardela, Maria Antónia Mendes e Vasco Vaz e formam o projecto A Naifa, que lançou o álbum “Canções Subterrâneas” em meados do ano passado e vem apresentá-lo ao palco da Escola Superior de Engenharia de Coimbra, amanhã pelas 21h30

Como e quando surgiu A Naifa?

João Aguardela (JA) – A Naifa surge directamente relacionada com o projecto em que ambos estivemos envolvidos anteriormente [Linha da Frente]. O que daí ficou foi a minha relação de trabalho com o Luís e, na continuidade dessa relação de trabalho, surgiu a ideia de fazer A Naifa, não como vocês a conhecem agora, mas a ideia de continuarmos a trabalhar e explorar uma série de coisas.

Aí surge a Maria Antónia Mendes?

JA – Primeiro surge o Vasco [Vaz] que também vem na continuidade, visto que já tocava na Linha da Frente. Começámos por fazer vários pedaços de música, por ir à procura de poemas, e quando surgiu a altura de arranjar alguém que desse voz a esses poemas é que aparece a Maria Antónia. Por acaso, ela era amiga do Vasco e acho que ele, em conversa, lhe falou do que estava a fazer e ela acabou por passar lá uma tarde e por experimentar cantar um poema. E foi essa a génese d'A Naifa.

Pensam que podem ajudar a divulgar a obra dos autores dos poemas?

JA – Se bem que a ideia não seja essa, é obvio que estes obtêm outra exposição noutra meio diferente daqueles que normalmente usam.

Vêm a poesia como o ponto de partida para a vossa música ou apenas mais uma plataforma de expressão?

JA – É complicado... Não é bem um ponto de partida... As canções fazem-se de música e de texto e esses poemas acabam por ser uma parte importante. Mas a música vem da nossa expressão. Agora, claro que há uma grande sintonia entre os poemas que usamos e aquilo que nós sentimos. Intuitivamente, fomos à procura das palavras que melhor se ajustavam aos ambientes que tinham sido definidos musicalmente. Depois fomos à procura de coisas que conhecíamos.

O vosso percurso na música é bastante variado. Acham que, além d'A Naifa há mais algum território para explorarem?

Luís Varatojo (LV) – Acho que sim. Se bem que agora estejamos bastante entretidos com este espaço que descobrimos. Neste momento, aquilo



Luís Varatojo e João Aguardela estão novamente juntos num projecto para recuperar a música portuguesa

que podemos chamar de música portuguesa está muito pobre, e acho que é bastante urgente que seja feita uma série de experiências à volta de uma ideia de música portuguesa, e é isso, na génese, aquilo que fazemos. Já o fazíamos, de forma diferente, nos projectos anteriores, e n'A Naifa fazemo-lo num campo mais específico e à volta da música portuguesa. E nesse sentido é um campo completamente em aberto, se pensarmos em quantas coisas é que estão a ser feitas hoje em dia à volta dessa ideia de música portuguesa.

Julgam que a aposta d'A Naifa na revitalização do fado e da canção popular de Lisboa é um passo à frente na música nacional?

JA – Acho que a principal aposta passa por fazermos uma música nossa.

LV – Mais do que estar a revitalizar, acho que estamos a revitalizar-nos a nós enquanto criadores. E isso é importantíssimo, pois precisamos de manter o interesse naquilo que estamos a fazer.

JA – Interessa-nos expressar aquilo que nós somos, a música que transportamos connosco. Ahamos que deveria haver mais gente a assumir isso, de forma natural, descomplexada, e ir à procura das referências que ainda estão disponíveis para criar ou recriar uma música portuguesa.

LV – A única coisa que faz sentido é procurar isso. Até porque a música portuguesa, além de nos dizer muito mais do que outra música qualquer, está muito mais inexplorada. Podemos fazer milhares de coisas e A Naifa é uma. Sentimos que o risco que corremos é a única razão de existir para quem cria coisas, seja na música seja noutras artes. Se não houver esse risco, a vida é completamente desinteressante.

“O público envolve-se no ambiente que criamos”

No vosso caso, os Sitiados, Despe & Siga, etc, foram importantes pa-

ra depois surgir A Naifa?

JA – Claro, pois fez de nós aquilo que nós somos. Não só aquilo que fizemos, como também aquilo que ouvimos.

Como lidam com as apreciações ao vosso trabalho?

LV – Quando há opiniões acerca do que nós fazemos é bom, é sinal que as pessoas ouviram e se interessaram por perceber o que fazemos. Tocaram naquele assunto e isso é bastante importante, até para que as pessoas estejam conscientes do que se está a passar. As pessoas que ouviram, escreveram e reflectiram sobre o trabalho. Quem os leu também reflectiu e reflectir sobre isso é importante. Não é só a análise que isto é fado ou isto é rock, é também importante perceber o que temos feito.

Consideram que “Canções Subterrâneas” é uma aposta ganha?

LV – É, desde que o começámos a fazer, porque deu um gozo enorme. Não é uma encomenda, não é um trabalho obrigatório, é voluntário, isso deu imenso gozo e foi uma aposta ganha. Agora tem-nos dado muito trabalho a divulgar, porque apesar de haver muita coisa escrita sobre o disco, temos notado na digressão que, em diversas cidades do país, ele nem sequer é conhecido. E temos tido um trabalho brutal para fazer chegar o disco às pessoas. Se o disco não lhes chegar não existe. Falta um bocado a essa aposta para ser ganha, mas com a digressão está mais próximo. As pessoas, mesmo sem conhecer, vão aos concertos. Só aí é que a aposta começa a ser ganha.

O que se pode esperar d'A Naifa em palco?

LV – Cada espectáculo tem sido memorável, e para quem vai ver passa-se algo especial. Acontece música mesmo, e há uma sintonia entre nós e o público, e os espectáculos acabam como se aquilo fosse um todo.

JA – O público tem-se envolvido bastante no ambiente que criamos.

Quais são as expectativas para o concerto de amanhã?

JA – A expectativa que tenho é que as pessoas vão ver o espectáculo, até por uma questão de tradição. Coimbra desde há muitos anos tem sido uma espécie de capital da música, por força da realização anual da Queima das Fitas. É uma cidade onde as pessoas se interessam por música, e tenho essa expectativa, uma vez que já não vou tocar a Coimbra há muitos anos. Gostava que as pessoas se voltassem a interessar pela música e se sentissem parte deste espectáculo.

O disco por quem o ouviu

“Canções Subterrâneas” é o título do álbum de estreia do projecto A Naifa, banda que dá início ao “Festival Santos da Casa” e que vai contar também com a presença, entre outros, de “Old Jerusalem” (dia 9), Vicious Five e d3o (dia 14). A respeito de “Canções Subterrâneas”, Nuno Ávila, um dos apresentadores do programa da Rádio Universidade de Coimbra (RUC) que dá nome ao referido festival, avalia o disco como “original, mas não inovador, visto que nos anos 80 já se tinha tentado misturar fado e pop”. Nuno Ávila destaca a aposta em jovens autores da nova poesia portuguesa e vê “Canções Subterrâneas” como “um disco para se ir descobrindo”.

Opinião semelhante tem Fausto Silva, igualmente apresentador do programa da RUC, que vê este disco como “a evolução da Linha da Frente”, destacando “uma voz agradável e uma composição sóbria”. Caracterizando “Canções Subterrâneas” como “fado urbano”, Fausto Silva realça os temas “Música” e “Meteorológica” como os da sua preferência, e revela muita curiosidade em ver esta banda em palco, amanhã à noite.

Em palco...

João Campos

Opinião

Crianças sem idade

“Fungágá”

Encenação: Cláudio Hochman

Direcção musical: César Viana

Pelo Teatro da Trindade

O leiteiro da “roulotte” estacionada no palco anuncia o “Fungágá”, espectáculo trazido por uma família itinerante à Cidade do Pentead. Lá dentro, sete pessoas: a avó D. Insulina, o pai Zé, a mãe e os quatro filhos: Manel, Joana Maria Joana, Maria Maria Joana e Joana Joana Maria.

O espectáculo abre com um “bom dia” dado pelas personagens ao público. Está assim dado o mote para a interacção entre a história (simples e bem contada, para que todas as crianças percebam) e as músicas que José Barata Moura escreveu há quase quatro décadas e que esta peça prova serem intemporais. No entanto, toda a alegria de iniciar o dia é interrompida pela chegada de Joana, “a senhora do pi-pi-pi”, que lhes dá cinco minutos para deixarem a cidade.

A partir daqui, desenrola-se a primeira parte da peça, com os planos de Joana para afastar os visitantes e com as peripécias desta família, ornamentada por canções que toda a plateia conhece: as birras à mesa com “Joana come a papa”, as histórias para entreter as crianças em “O rei com uma grande barriginha”, a tristeza do Manel ao perder a sua bola, e a aula de música, em que se ensinam as sete notas que inventam as “cantigas para a mãe, para a avó, os amigos e as amigas” - um verso que resume todo o repertório musical da peça.

Mas não é só o dedo de Barata Moura e das suas canções que marcam este “Fungágá”. Há todo um jogo de coreografias, uma dinâmica quase geométrica das palavras e dos movimentos entre todas as personagens. Tudo é pensado, até uns toques de presente num espectáculo com canções do passado (a referência ao Nemo, herói infantil do século XXI, é um deles).

Após um breve intervalo, dá-se a apresentação do espectáculo da família. As filhas “Joanas” encabeçam os primeiros números musicais, abrindo caminho à entrada do irmão Manel e à história do “Macaco Zacarias”. Começa aí a participação activa do público, a cantar em conjunto, a entregar objectos aos artistas e até mesmo a subir ao palco, como na “Canção de Roda”. Entre palmas, dança, comentários e respostas às perguntas das personagens, a plateia torna-se participante directo na história, alargando o espaço de apresentação da peça. O espectáculo termina com o célebre e intemporal “Fungágá da bicharada”, cantado no meio do público.

Pensado para as crianças, “Fungágá” é mais do que uma peça infantil. É um ponto de encontro entre filhos, pais e avós. Durante as quase duas horas de espectáculo, não há novos e velhos. Há eternas crianças que cantam as sempre actuais canções de Barata Moura.

Ressurreição

[illegible]

(Na) Primeira Pessoa

Nostalgia...

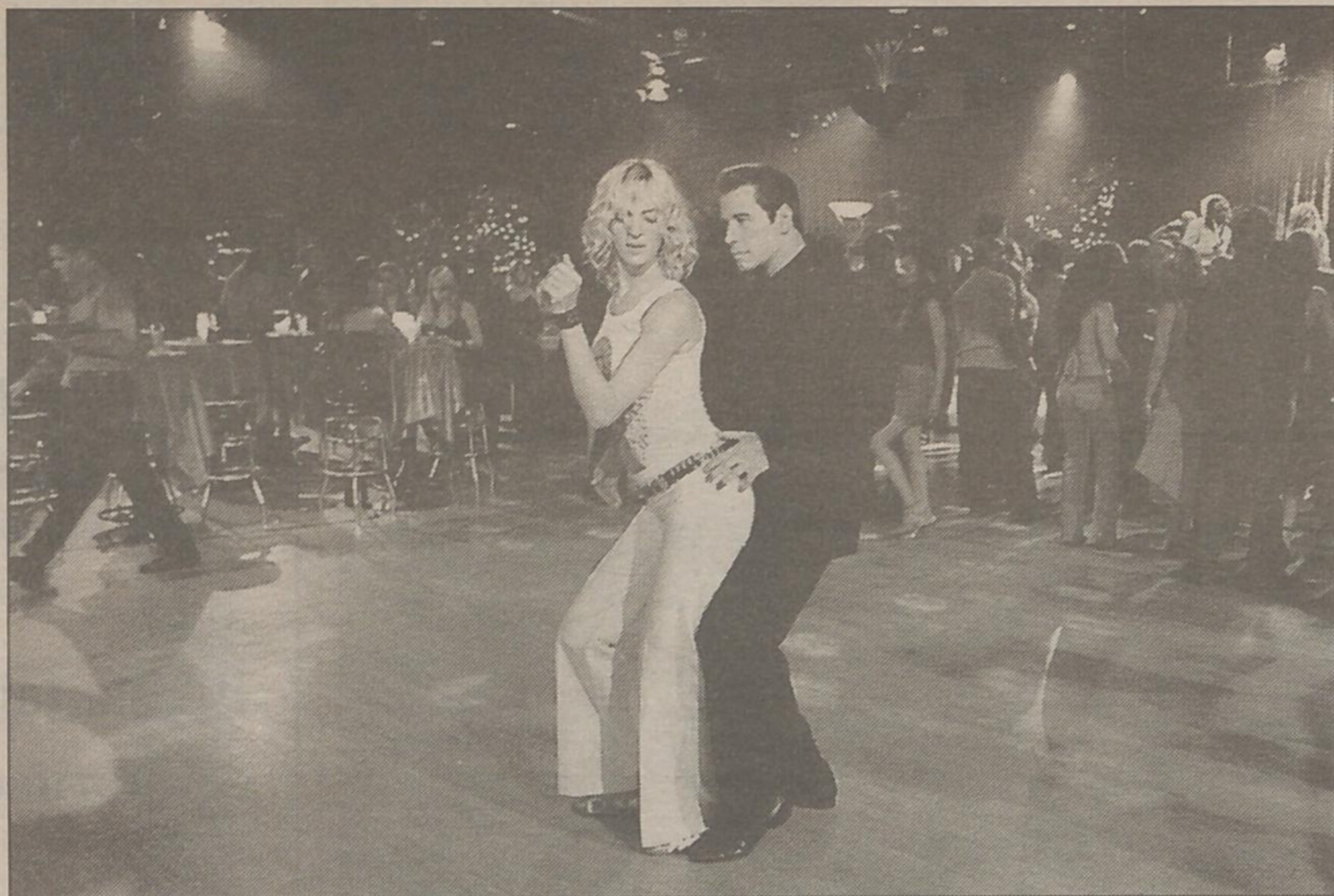
Crónicas
do Paraíso

Elegia falsa sobre Micas e Vitorina

Sempre a casa do cabem-todos, sobretudo os livros. Os dias amanhecidos na têmpera matinal da boa disposição. E o sol a pôr-se sobre os rochedos de berço, que a civilização ergueu, com os dromedários num arroto de gasolina pelos escapes, e os olhares semicerrados das duas pitonissas, num imenso mar de torres de papel”.

e-mail: acabra@gmail.com

Vê-se...



Travolta tira o pé do chão

Quem espera que este "Be Cool" seja uma espécie de coisa divertida, à qual se vai para olhar com distração enquanto se aspira um balde de pipocas maior do que a cabeça, pode sofrer uma desilusão. Por um lado, as pipocas podem saber a ranço; por outro, o filme merece bem ser mais considerado do que a normal série de produtos próximos.

O filme compreende a mitologia cinematográfica recente: voltar a mostrar Travolta e Thurman numa pista de dança e retomar a evidente atracção sexual entre os dois em "Pulp Fiction" é o exemplo perfeito. Mas há algo de invulgar em "Be Cool": o modo como a sátira é do mundo e das figuras que produzem o próprio entretenimento, não do cinema e dos outros filmes em si mesmos, como o fizeram "Not Another Teen Movie" e "Scary Movie". Ou seja, aqui não há uma mera diversão pela cópia - prefere-se recriar toda uma realidade que se satiriza, e o fascinante é o modo como figuras

resplandescentes dessa mesma realidade alinham com as intenções. Não só Travolta, Thurman ou Keitel; também André 3000, Steven Tyler e Christina Milian são parceiros, e até mesmo o realizador, F. Gary Gray, provindo dos vídeos musicais.

"Be Cool" produz um discurso que não serve só para fora, mas também para dentro (para Los Angeles) e, até, para si mesmo. Sim, o filme não se exclui da sua sátira - aliás, a brilhante primeira cena com Travolta e James Woods é, nesse campo, de antologia, de tão certa. "Be Cool" perde é com o modo como frequentemente não resiste a construir-se a partir de receitas de entretenimento e com uma certa fragilidade que advém da característica que lhe dá tanta piada - a de não levar nada a sério, nem mesmo a si. Ou seja, caro(a) leitor(a): se acreditadas na MTV, não vás ver este filme; se te ris quando a vês, não tenhas medo de comprar o bilhete.

Jorge Vaz Nande

A mesma sequela

"I hate sequels!" - Chili Palmer numa das suas primeiras falas.

Meio a sério, meio a brincar, neste caso a personagem interpretada por John Travolta acertou na mouche. "Be Cool" é uma continuação do filme "Get Shorty" de 1995. Desta vez Chili abandona a indústria do cinema e tenta aproximar-se do mundo da música. A pretensa comédia desenrola-se satirizando a indústria da música e o jogo perigoso das máfias que a dominam.

Um aspecto curioso deste filme seria o reencontro de Travolta e Uma Thurman. Inesquecíveis em "Pulp Fiction", aqui o arranjinho funciona pessimamente e quase nem se dá pelo flirt ao longo do filme. O realizador F. Gary Gray força demasiado a sedução e cai no erro de tentar o remake da famosa cena de dança em "Pulp Fiction". Vemos Travolta e Uma Thurman ao som de "Sexy", escrita por Tom Jobim e Vinicius de Moraes, mas não

fazem esquecer Vicent Vega e Mia Wallace sob a batuta de Tarantino. É inevitável a comparação valorativa...

"Be Cool" dá a sensação de ser uma grande colagem de cenas criadas para encaixar determinados "gags". Uma junção de saltos descontinuos, que chegam a ferir a vista do espectador, onde dominam as personagens tipo.

F. Gary Gray já tinha dado a ideia que é um realizador que simpatiza com a produção e que não se importa de sacrificar o seu trabalho. Em "The Italian Job" a publicidade foi para os novos Minis da BMW, e em "Be Cool" vai para um extenso rol de músicos, actores ou simples ilustres conhecidos.

Uma comédia muito fraca que parece viver apenas dos ecos do filme razoável que foi "Get Shorty". Com 51 anos, Travolta é ainda muito novo pensar no passado e começar a reeditar os seus melhores papéis. **Rui Pestana**

Be Cool / Gary Gray

| | | |
|---|--|-----|
| Gustavo Sampaio | ----- | --- |
| Jorge Vaz Nande | Uma sátira sobre o Grande Circo da Música que pode enganar quem espera uma comédia estúpida. | 🐎🐎🐎 |
| Rui Pestana | Dá a sensação de ser uma grande colagem de cenas criadas para encaixar determinados "gags". | 🐎 |
| Tiago Almeida | ----- | --- |
| A evitar 🐎 Fraco 🐎 Podia ser pior 🐎🐎 Vale o bilhete 🐎🐎🐎 | | |
| A Cabra aconselha 🐎🐎🐎🐎 A Cabra d'Ouro 🐎🐎🐎🐎🐎 | | |
| Todas as críticas em acabra.net . | | |

Navega-se...

Futebol de Bancada

Desde há uns meses para cá que passei a ler com regularidade um blog sobre futebol chamado Terceiro Anel. Gosto de ler as análises que são feitas aos vários jogos de diferentes campeonatos europeus. Lá, ao contrário dos jornais desportivos, não tenho de ler as supostas transferências de jogadores que nunca acontecem. Este blog é escrito por várias pessoas, todas elas de cores desportivas diferentes, mas que conseguem manter uma escrita isenta. Todos os fins-de-semana podemos contar com uma análise muito boa sobre a jornada que acabou e não se resume ao futebol português. Temos essa análise em relação aos principais campeonatos europeus. O formato do blog é o tradicional. No lado esquerdo têm todas as entradas mais recentes, enquanto que do lado direito tem os cabeçalhos em destaque e um calendário para podermos saltar para as entradas de um determinado dia. No lado direito ainda há espaço para a informação sobre a nossa liga, com informação sobre a classificação e a jornada que está a decorrer. Um bom espaço para se manter informado sobre o mundo do futebol e tentar manter afastados os embates entre dirigentes e árbitros.

<http://terceiroanel.weblog.com.pt>

Lojas do futebol

Estas lojas não as descobri durante as minhas deambulações pela Internet. Li sobre elas no Terceiro Anel. Todas são inglesas e demonstram bem a paixão que existe pelo desporto rei nas ilhas britânicas. A TOFFS é uma loja especializada em equipamentos clássicos. Em catálogo possuem mais de 900 equipamentos diferentes. Aqui é possível arranjar uma réplica do equipamento que o Benfica utilizou durante os anos 60 ou uma bola feita em couro como as dos anos 50. A navegação é bastante simples. Na primeira página há alguns destaques da semana, o resto da navegação é feito através da opção loja no menu que aparece no lado esquerdo. Depois de seleccionada essa opção basta escolher qual a primeira letra do nome da equipa/selecção que queremos ver e já está.

A segunda loja é a Forsport. É uma loja que vende material desportivo para treinos. Tem coletes, bolas, balizas, quadros tácticos. Para além do mate-



Futebol

"TOFFS"

<http://www.toffs.com>

rial usado nos treinos também têm uma vasta colecção de livros, dvds e cd-rom com material técnico.

A terceira é uma loja de vídeos e livros sobre desporto. Falta-lhe na colecção o jogo entre a Inglaterra e a Escócia de 1969? Não há problema, eles têm para venda. Aqui não há só futebol, há também espaço para o cricket, ciclismo ou fitness. É só escolher o tema. Nestas últimas duas lojas o esquema de navegação é similar. No lado esquerdo existe um menu com várias secções e cada vez que se entra dentro de uma dessas secções é-nos apresentado no meio do ecrã uma lista dos vários produtos disponíveis. Só por curiosidade. Na última loja, um dos produtos em destaque é a biografia de José Mourinho e a frase associada ao seu livro é: "butter wouldn't melt".

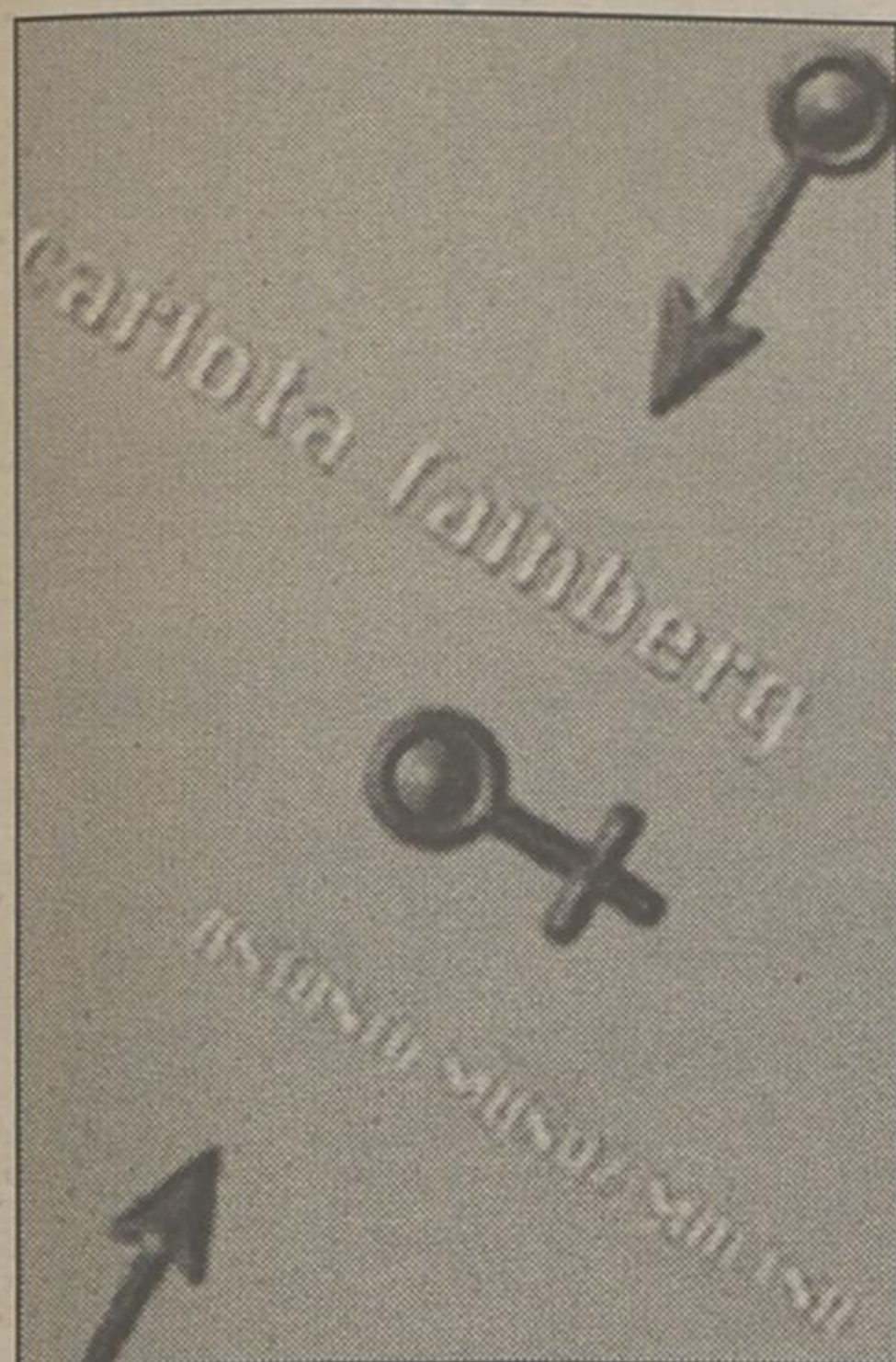
<http://www.toffs.com>

<http://www.forsport.co.uk>

<http://www.sportsbooksdirect.co.uk>

Nuno Curado

Lê-se...



Antonio Muñoz Molina
"Carlota Fainberg"
Editorial Notícias, 2001.

10/10

Carlota Fainberg ou a vereda de Borges

"A ti también, en otras playas de oro,/ Te aguarda incorruptible tu tesoro:/ La vasta y vaga y necesaria muerte."

É assim o segundo terceto do soneto de Jorge Luis Borges, "Blind Pew", que serve de mote ao conto de Molina, sugerido esta quinzena, referindo-se ao cego Pew do romance "A Ilha do Tesouro".

A história começa no aeroporto de Pittsburg, Pensilvânia, em bancos de espera, entre dois homens cujos voos tardam devido à intempérie. Um, Cláudio, um professor universitário de viagem marcada para Buenos Aires com o móbil de assistir e apresentar uma sessão em conferências sobre Borges, sóbrio e distante; o outro, Marcelo M. Abengoa, "strategical advisor", procurador de tesouros escondidos, cuja vida passava em viagem, desempoeirado e franco no trato, que se afigura como um parasita na pacífica espera de Cláudio. Abengoa mete conversa com o professor quando vislumbra que este compra o "El País", sentindo-se à vontade para entabular conversa pelo poder da mesma língua partilhada. Inicia-se, assim, um relato de Abengoa, pouco parco em palavras, para inicial tédio de Cláudio, sobre o encontro com uma bela e misteriosa mulher, Carlota Fainberg, num hotel em decadência em Buenos Aires, a qual, por promessa conjugal, nunca mais verá mas que continua a prospectar na população feminina anónima.

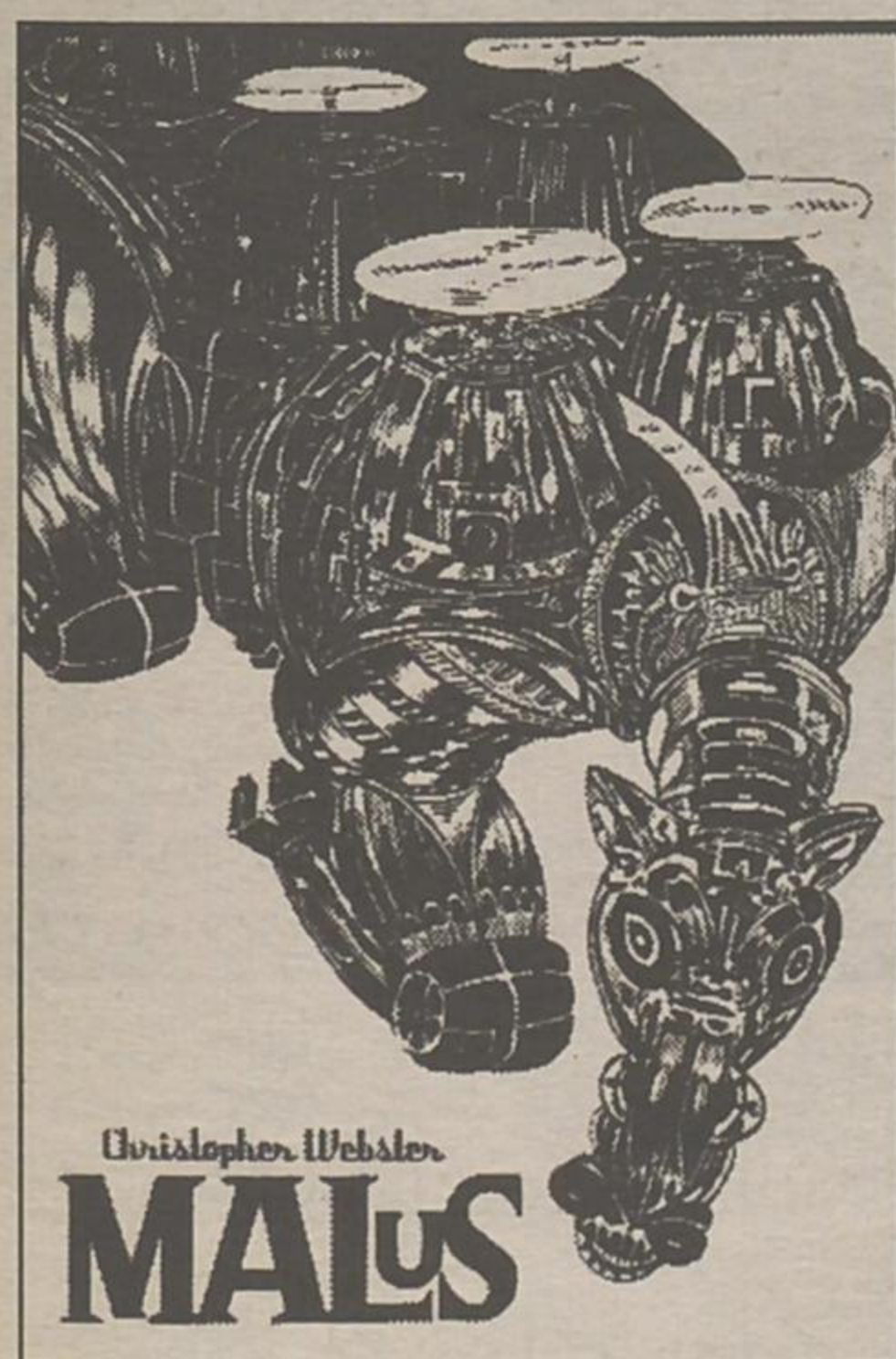
Finda a conversa com o anúncio do voo, conversa descrita pelo professor desenraizado – colonial, atacaram mais tarde, e masculino (na imensa metáfora da mãe pátria virgem e do pai colono violador, como Dussel tão bem explicou) – com recurso permanente à língua inglesa (ele próprio colonizado) e às suas referências académicas, a história de Abengoa permanece em Cláudio que, chegado a Buenos Aires, entra no misterioso hotel por força do acaso, onde lhe é revelado algo de surpreendente. Carlota Fainberg morrerá antes dos encontros narrados, tão virilmente por Abengoa, ainda que Cláudio tenha estado à sua frente há minutos atrás.

É difícil decidir a temática deste livro de Molina, que surge como um conto ou romance (como prefere Molina) inacabado, aberto ao devir, passando, de forma breve mas concisa, pela teoria da literatura, por uma crítica ao mundo académico nas suas modas e ridículos, pela colonização cultural nas Américas como uma eterna pedra no sapato, pelo desenraizamento e, obviamente, por Borges. Mais que um conto policial, neste livro Muñoz Molina fala-nos da cegueira humana, das e nas suas idiossincrasias, da fidelidade e da morte, mas também da saúde e esquecimento; e de tesouros escondidos que nos esperam, a cada um de nós, como a Pew, que só por nós podem ser encontrados e compreendidos.

Para quem já leu Antonio Muñoz Molina, escusam-se mais delongas; para quem ainda não teve a oportunidade, este será um bom princípio possível porque, como nos escreve o autor numa nota introdutória, o romance curto «é talvez a modalidade literária em que melhor resplandece a destreza». A ler numa destas tardes pardas ou noites de insónia.

Andreia Ferreira

Desenha-se...



Christopher Webster
"Malus"
mmmmnnrrrg, 2005.

9/10

Amálgama de influências

Na revista Mesinha de Cabeceira #10 Malus é descrita como um "cocktail do melhor de todas as escolas: a europeia, a americana e a japonesa"; já no #12 desta revista, a obra é dita como resultado de uma amálgama de influências: Metropol, de Ted McKeever, Akira, de Katsuhiro Otomo, Frank Miller, David Mazzuchelli, David Lynch, Paul Pope, Blade Runner, de Ridley Scott, todos eles estão presentes de alguma forma em Malus.

O conceito da obra é, assim, difícil de definir. História de super-heróis, com nuances dos mangas de pseudo-ficção-científica em que experiências genéticas são realizadas por ordem de macro-corporações, conto utópico em que acontecimentos de diferentes categorias temporais se interligam continuamente para dar sentido à história, Malus tem um pouco de tudo, mas nunca chega a ser nada. Apesar do uso de todos estes elemen-

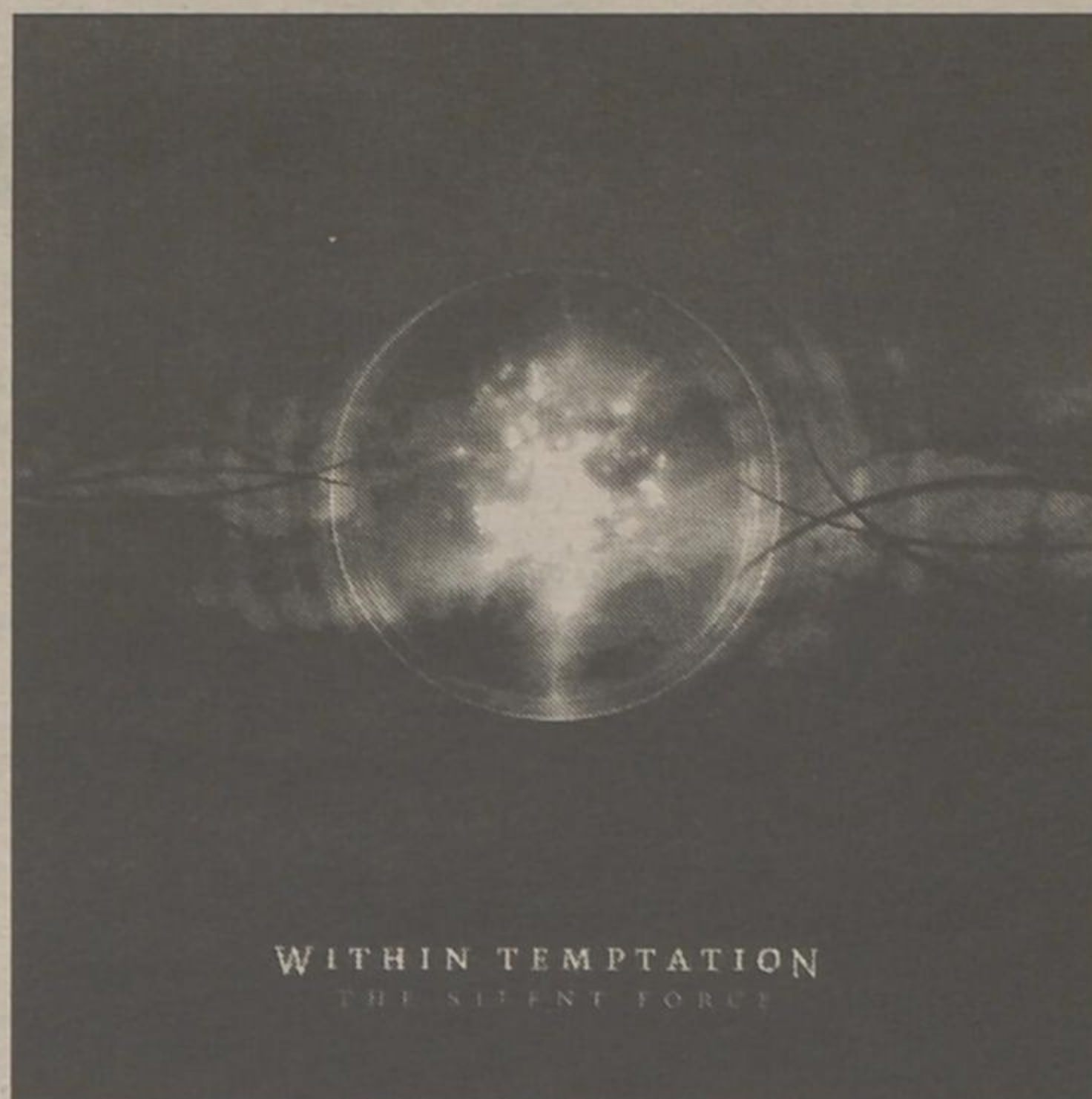
tos, a narrativa percebe-se: Webster conta a história do violento confronto entre dois seres, criados por experiências realizadas em empregados de limpeza, num cenário caótico de uma cidade fragilizada por devastadores fenómenos climáticos.

A obra é ambiciosa, sobretudo graficamente. Os desenhos "brutos" a preto e branco de Webster mostram grande destreza gráfica, mas por vezes são demasiado detalhados, gerando alguma confusão. E se esta poderia contribuir para o carácter frenético e fluido da obra, apenas serve para, por vezes, atrasar a narrativa vertiginosa, obrigando o leitor a analisar detalhadamente as vinhetas para compreender realmente o que se passa.

Todavia isto é apenas um insignificante senão numa obra que se afirma como o elo de ligação entre o mainstream e o underground e, sobretudo, como uma grande obra de banda desenhada.

José Miguel Pereira

Ouve-se...



Within Temptation
"The Silent Force"
BMG International, 2004.

7/10

Depois de sangrar, surge a esperança e a luz (e a rádio?)

Duas premissas:

A – Os Within Temptation são os novos Evanescence

B – Houve uma breve e ligeira transformação no som dos Within Temptation – agora mais hard rock – que lhes permitiu conquistar uma exposição não tão facilmente alcançável com a permanência no mais puro gothic metal, que antes professavam

A – É mentira. Se semelhanças existem na aposta recente numa sonoridade mais hard rock, mais comercial, mais liberal, e na sensualidade das suas vocalistas – a verdade é que os WT surgiram em 1996, bem antes do nascimento do grupo de Amy Lee.

B – É verdade. Este "The Silent Force" é, de facto, o disco menos convencional do grupo holandês. É aqui que há mais fugas ao seu característico gothic metal. No entanto, isso não é necessariamente mau, e só permite uma maior abertura e exposição do trabalho da banda de Sharon den Adel, que bem merece ser escutado.

"The Silent Force" mostra, ao longo de 13 faixas (duas de bónus), a essência sensual e melódica da voz de Sharon den Adel. Ao mesmo tempo propaga o pessimismo próprio dos góticos, mas consegue consagrar-lhe, no fim, bem no fundo do copo, um travo suave de esperança, que lhe é crua, estanque e estranhamente impregnado, como que incrustado em si.

"The Silence Force" é, já se disse acima, uma aposta mais liberal – tenho de dizer mais comercial, porque acho que tem mais hipóteses de vender –, contudo não foge assim tanto aos velhos Within Temptation. Eles vão-se reinventando e reorganizando entre cada substituição e entrada de um novo baterista – quantos já foram, ao certo? – Mas mantendo sempre as qualidades que lhe são características, goste-se ou não. Permanece a mensagem de fé, e esperança, mesmo que propagada após mais um sangramento em abundância. O gothic metal vive, ainda que até já passe na rádio. Rui Simões



Quit Your Dayjob
"Quit Your Dayjob"
Bad Taste 2004

7/10

13 minutos de punk à velocidade da luz

Estávamos em inícios dos anos 80 e o punk chegava em força à Suécia. Na cidade de Landskrona, dois jovens (Jonass e Marcass) aproveitavam a calada da noite para roubar uma guitarra e um sintetizador de baixo na loja de instrumentos do sítio. Meia dúzia de concertos depois a banda acaba e os dois jovens nunca mais se voltam a ver. Quinze anos depois, voltam a encontrar-se numa esquina em Malmö. Meia-dúzia de copos (ou mais) depois, juntam-se a Andreass e estão formados os Quit Your Dayjob.

No fim de 2004 chega aos escaparates das lojas suecas este primeiro registo, pela mão da Bad Taste Records, a mesma que edita nomes como Logh ou Last Days of April. Não que estes nomes sirvam de referência sonora. Ainda assim, pouco tempo depois, o disco é esquecido. Até que regressa em edição europeia, numa tentativa desesperada de que outros públicos lhe dêem a devida atenção. Não resultou. Por isso, só alguns meses depois chega a crítica ao álbum.

Vamos ao som: Cruza punk em sons electrónicos destilados à velocidade da luz; guitarra rasgada que nunca passa dos três acordes; letras que se resumem aos nomes dos temas gritados insistentemente.

A fórmula é simples: a mesma guitarra e o mesmo sintetizador de baixo aos quais juntaram uma drum machine primária. Mais que suficiente para fazer músicas que raramente chegam aos dois minutos; e se durassem mais tempo, perdiam toda a pertinência. Niilismo? Talvez. O termo só peca por um seriedade excessiva que os Quit Your Dayjob rejeitam a cada segundo.

Se calhar, a melhor definição é a da própria banda: B52's a 45 rotações misturados com uns Cramps num resultado final que se assemelha aos Devo de cadeira de rodas. Emanuel Botelho

